

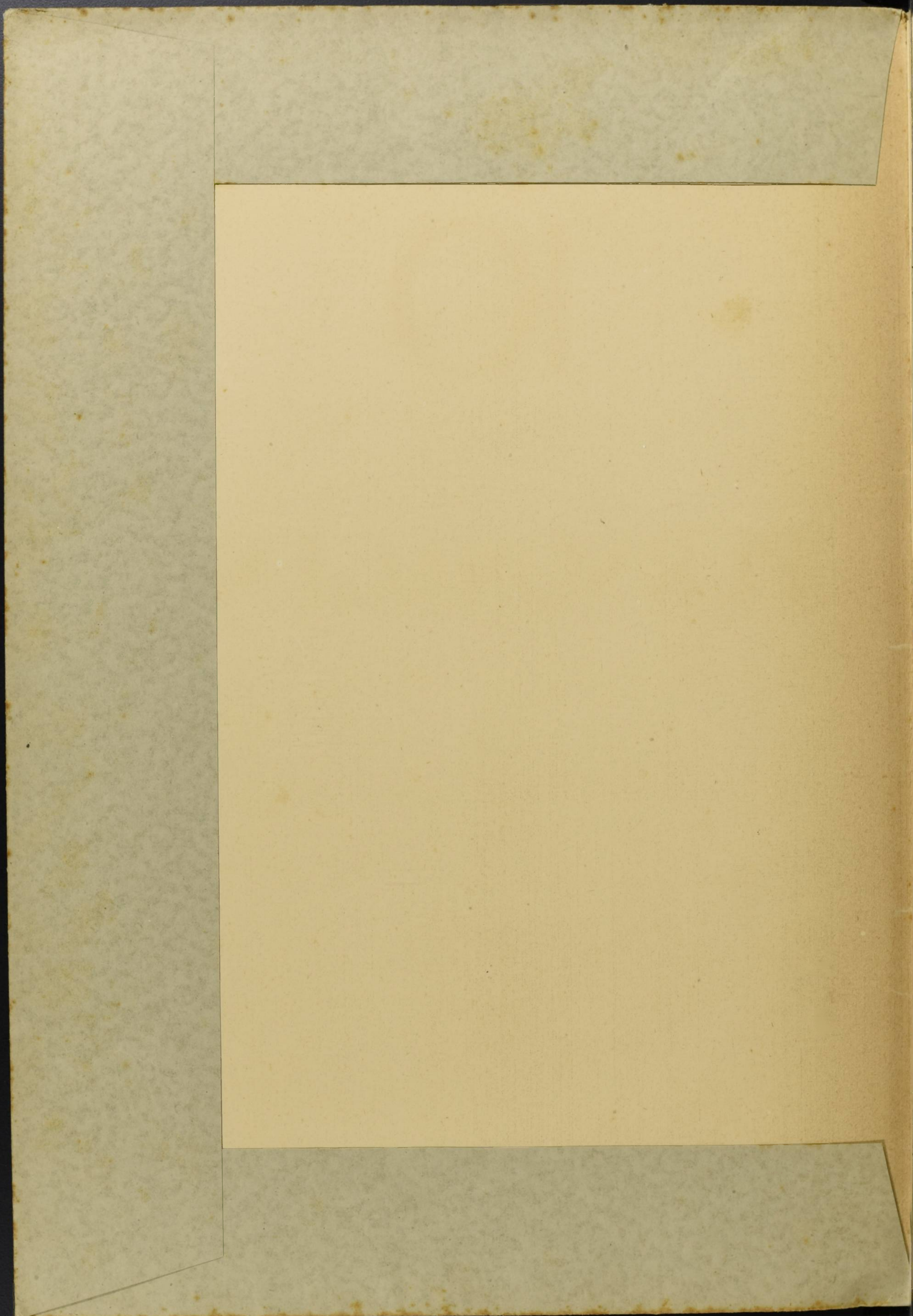
10

ROMANCISTAS
falam de seus

PERSONAGENS




Edições Condé



10

ROMANCISTAS

falam de seus

PERSONAGENS




Edições Condé



[Faint, illegible text, possibly a name or title]

[Faint, illegible text, possibly a date or address]

PREFACIO DE

TRISTÃO DE ATHAYDE

OS ROMANCISTAS:

AMANDO FONTES

CORNELIO PENNA

ERICO VERISSIMO

GRACILIANO RAMOS

JORGE AMADO

JOSÉ GERALDO VIEIRA

JOSÉ LINS DO REGO

LUCIO CARDOSO

OCTAVIO DE FARIA

RACHEL DE QUEIROZ

OS ILUSTRADORES:

ATHOS BULCÃO

AUGUSTO RODRIGUES

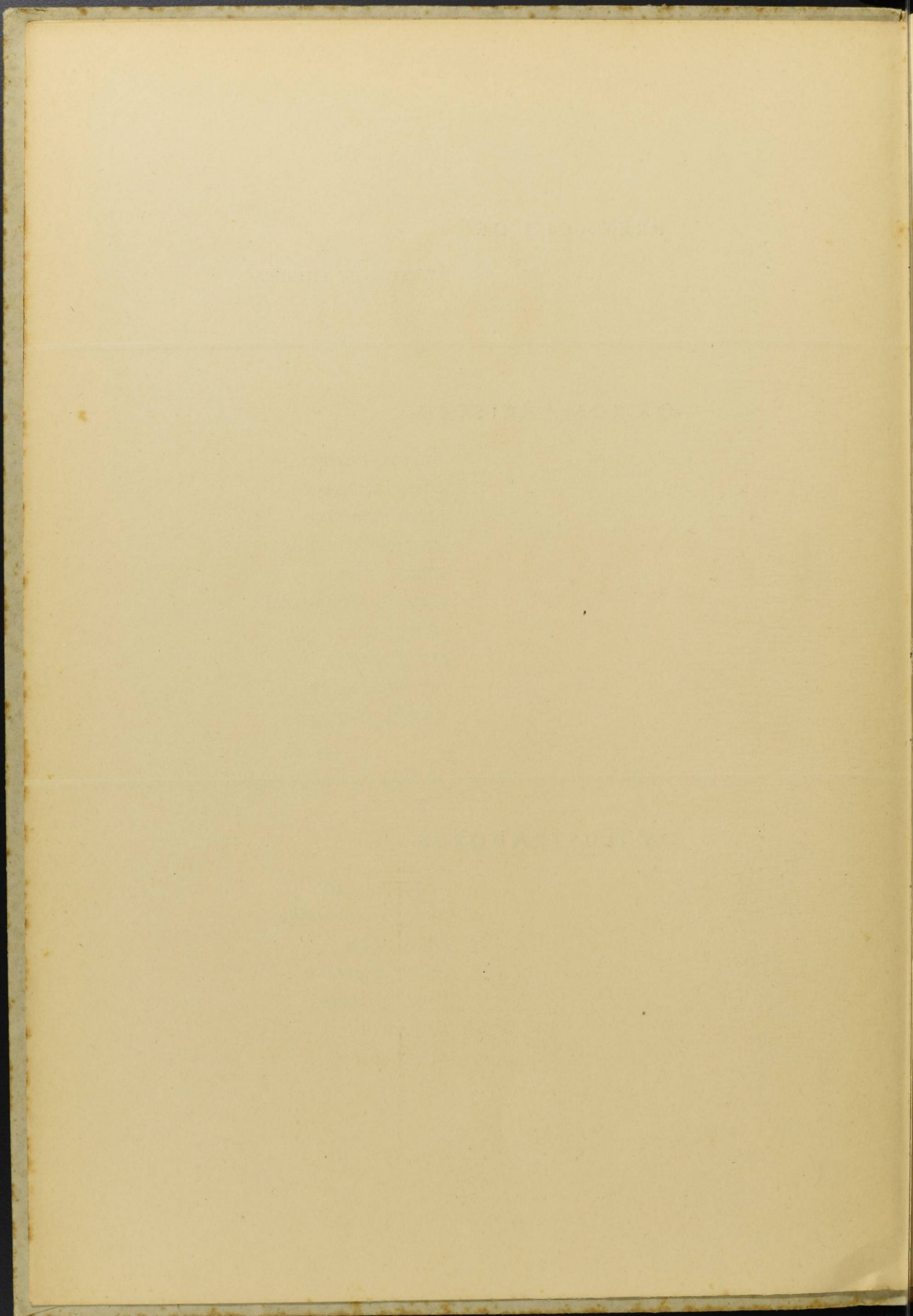
CARLOS LEÃO

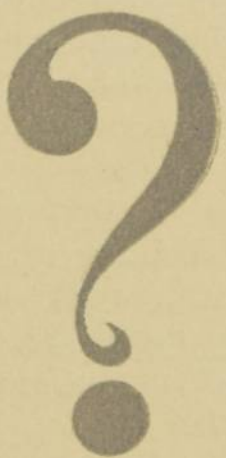
CLOVIS GRACIANO

CORNELIO PENNA

LUÍS JARDIM

SANTA ROSA





SE dou a estas linhas, como título, uma interrogação, é que todos estamos convencidos da inutilidade dos prefácios alheios. É por si próprios que os livros se apresentam. Mesmo os tímidos ensaios de estreantes. Quanto mais um livro como este onde se encontram os mestres mais famosos da nossa novelística moderna. E se encontram para a mais original das tertúlias. Uma tentativa de interpretação das personagens pelos autores.

Foi há cerca de vinte anos que Pirandello dissociou as duas espécies. Até então, autores e personagens sempre compartilharam o destino das obras em que se encontravam. Desde as suas mais remotas origens helênicas ou mesmo orientais, a novela outra coisa não é senão um diálogo entre o autor e suas personagens. Que aquêle as tire do passado histórico, da realidade presente ou da sua fantasia — que são as três fontes dessas criaturas intermediárias entre a ficção e a realidade que constituem por toda a parte e em todos os tempos a trama da novelística universal — sempre nos defrontamos com uma dualidade mais ou menos atenuada pelo caráter da narrativa. Do romance objetivo ao romance subjetivo, da *Ciropédia* de Xenofonte, em que a história se confunde com a novela, até os romances-confissões de nossos dias, em que o lirismo transforma completamente as velhas origens epopéicas do romance, — sempre e por toda a parte o autor e suas personagens constituem um grupo particular, em que ora um ora as outras se apresentam como primaciais. No romance clássico predominava o caráter objetivo da narrativa, com a autonomia das personagens. Com o romance-romanesco continua essa objetividade, transposta apenas para o terreno da imaginação. Com o romance realista prossegue essa autonomia das personagens, autonomia entretanto já não mais histórica, como no romance clássico, mas imaginativa, ou histórico-imaginativa, como nos modelos medievais.

Com o romance moderno pós-realista, o autor começou a fazer sentir cada vez mais a sua presença, tornando-se o gênero uma forma

de autobiografia ou de tribuna de apostolado social ou filosófico. É a encarnação do autor em uma personagem, como tivemos em nossa língua um exemplo frisante no inesquecível Fradique Mendes, cuja identificação com o próprio Eça é até hoje um tema de debate acalorado entre os críticos.

Pirandello veio trazer um elemento novo a essa eterna dialogação entre criadores e criaturas. Toda sua arte está impregnada das investigações psicológicas modernas em torno do problema da dissociação da personalidade e do sonho, que já tão profundamente haviam marcado o romance atual desde Proust. Com isso, o autor dos Seis personagens à busca de um autor — cuja impressão foi indelével em nossa geração e junto aos novos já produziu essa obra-prima do moderno teatro brasileiro, Vestido de Noiva, de Nelson Rodrigues — Pirandello deu um passo avante no eterno problema do autor em busca dos seus filhos intelectuais. Era o desligamento do laço tradicional que unia uns e outros, e a inversão dos papéis, passando o criador a ocupar a posição outrora ocupada por suas criaturas.

Não quer dizer que a nova posição de Pirandello viesse inverter definitivamente ou alterar de modo radical as colocações anteriores. Em arte nada morre. E mesmo em ciência assistimos, a cada passo, a ressurreições que nos pareciam impossíveis. O que Pirandello fez foi alargar, ainda mais, o conceito da autonomia das personagens em face do autor. Com isso permitiu novas técnicas, novos efeitos, no romance moderno, que já se vêm refletindo entre nós, quando vemos Oswald de Andrade expulsar do seu romance uma personagem por se ter tornado saliente de mais, ou Octavio de Faria debruçar-se, de vez em quando, sobre o destino de suas criaturas, apiedando-se delas e fazendo confrontos com seus próprios sentimentos em face do mundo.

Foi toda essa evolução moderna da novelística que permitiu aos mestres do nosso romance contemporâneo virem aqui, a convite de um editor artista como João Condé, investigar o segredo de suas próprias criaturas.

Não vou comentar, nestas breves e inúteis linhas de interrogativa introdução, o diagnóstico que cada autor traça da personagem que reputa mais importante, mais querida ou mais misteriosa, no decorrer de suas narrativas. Quero apenas acentuar que este simpósio marca uma data na evolução da nova novelística brasileira. Representa a concretização dessas tendências que andavam dispersas no ambiente e que vinham, de modo canhestro e desencontrado, se manifestando no romance moderno. Seria todo um estudo histórico-literário a fazer, de Macedo aos novíssimos (penso num romance em manuscrito, ainda inédito, em que aparece com muita naturalidade o incidente do romancista dialogando com sua personagem e com ela se insurgindo porque escapa das mãos do autor e faz coisas com que este não concorda e que o deixam mal. . .) — para mostrar como a linha ascendente é sempre no sentido de uma independência crescente das personagens em face dos autores. Aqui vemos o diálogo estabelecido ou a observação se desenvolvendo, a partir sempre desse dado fundamental do romance moderno, de que o seu mérito está sempre na proporção direta da verossimilhança de suas figuras. E essa verossimilhança se funda sempre no desligamento entre criador e criatura. A arte, para ser autêntica, deve

sempre ser uma imposição do objeto ao sujeito, da inspiração ao artista. Por mais objetiva, por mais baudelairianamente anti-romântica e antilírica que seja a concepção da prosa literária ou da poesia, uma coisa não podemos recusar — o artista só vale quando não pode deixar de criar. E' o famoso conselho de Rilke aos estreantes. E' a experiência de todos os autores e críticos, indistintamente.

Pois bem, aos novelistas as personagens se impõem, de modo irresistível. Os autores lutam com elas, como Tobias com o Anjo. E de madrugada se confessam vencidos, quando merecem, como Tobias, receber uma missão do Senhor. O mau artista é o que se orgulha de ter vencido o Anjo.

Essas lutas solitárias, êsses diálogos inconfessados, êsses encontros misteriosos entre os criadores e suas criaturas, em que as posições tantas vezes se confundem, a ponto de Oscar Wilde poder sustentar que a natureza imita a arte e muitos dos colaboradores dêste inquérito não poderem saber ao certo o que são e o que querem os cidadãos que saíram vivos de suas mãos criadoras, — tudo isso é o que o leitor vai encontrar nas páginas dêste livro.

A arte é um enriquecimento da vida. Estas páginas confirmam plenamente o que a observação e a meditação nos ensinam. Autores e personagens aqui se encontram para dizer aos seus leitores que os limites entre a realidade e a fantasia são alguma coisa de tão sutil, que deixam longe as pretensões com que tão sumariamente os marcamos. Continua a haver muito mais mistério debaixo do sol e da lua do que o pode suspeitar a argúcia mais penetrante da nossa frágil inteligência humana...

Nas páginas que você vai ler, leitor, êsse mistério desdobra cada linha. Pois afinal que é o mistério senão o prolongamento da realidade sensível? Você vai ver todos êsses autores, essa fina flor da novelística brasileira, bracejando com o mistério de suas personagens, vendo-as surgirem e desaparecerem, não como sombras efêmeras de sua imaginação exaltada. Não como fantasmas. Não como tipos. Não como abstrações. Êles as vêem surgir como rivais, como seus concorrentes na obra de criação, como criadores de que êles, autores, não fôssem senão criaturas. Essa inversão de papéis é que forma o drama das páginas que se seguem, que representam o drama de toda a arte da ficção criadora. Ficção, detestável palavra, que Alfonso Reyes, entretanto o mestre dos mestres, na estética contemporânea, não pôde substituir. Ficção que o homem que vive-por-viver desconsidera ou ridiculariza, tolera ou ama por desfastio, porque enche os ócios dos seus week-ends, quando chove na montanha, ou ocupa as viagens monótonas ou as noites sem visitas ou cinema, — mas que o verdadeiro artista ou o crítico vêem como uma estranha e misteriosa realidade, que ocupa um lugar intermediário entre os habitantes do Tempo, os anjos do "Aevum" ou os espíritos da Eternidade. Perturbadora visão de criaturas que criam e recriam os seus próprios criadores e que êstes vêem se desprender de si, entrar e sair dos seus romances, ficarem para trás no passado ou fugirem para o futuro hipotético e renovador, sem que tenham mão nelas, sem que saibam distinguir ao certo onde êles são elas e elas são êles. "Quem menos manda no romance e na vida dos personagens é o romancista", diz Jorge Amado. "As per-

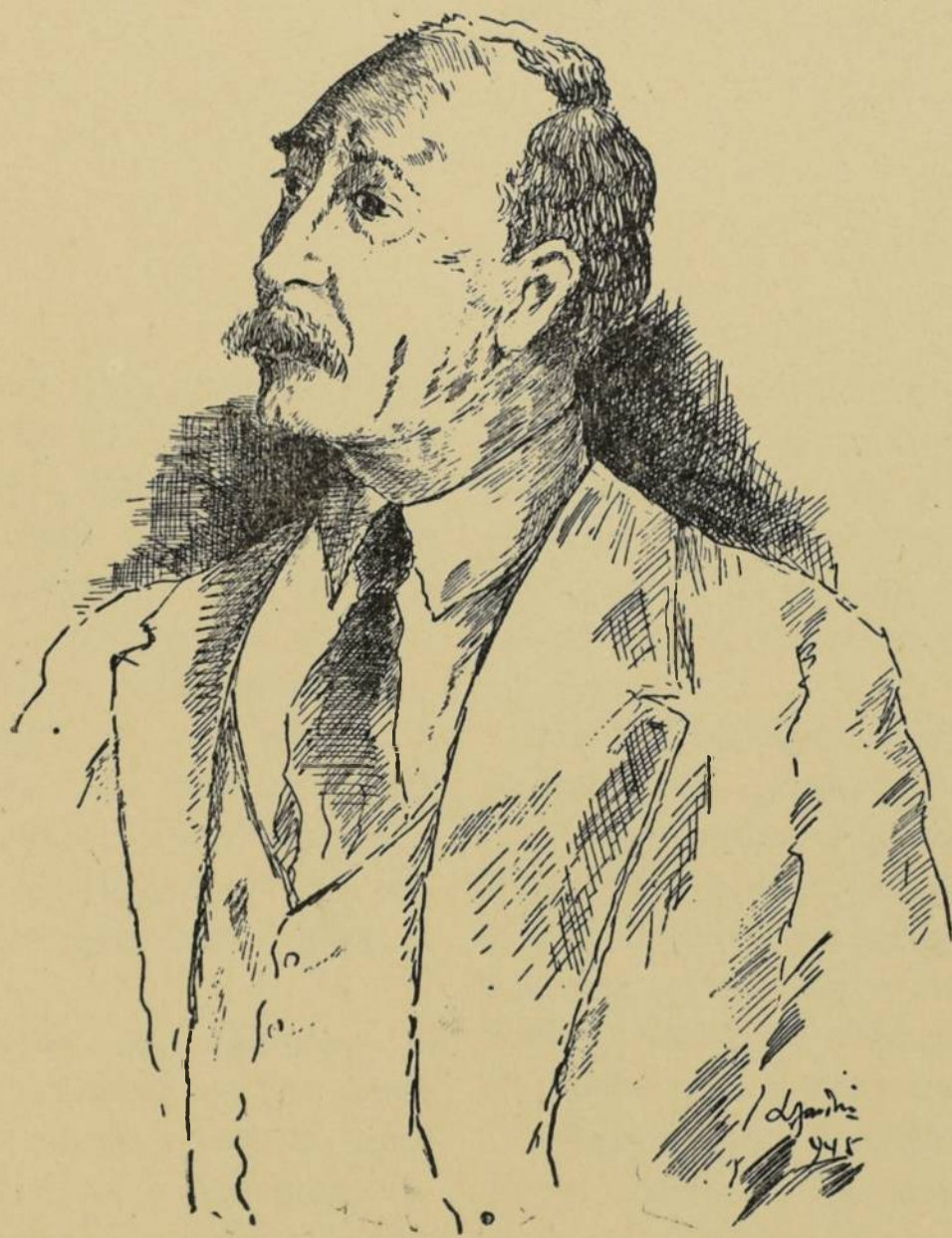
sonagens mais vivas são aquelas que fogem a qualquer plano, desobedecendo ao autor", diz Erico Verissimo. Octavio de Faria se desprende trágicamente de Branco, deixando a este a parte indelével de heroísmo e ficando com a angústia. Rachel de Queiroz não quer reler sequer o seu romance, por pudor de João Miguel. Cornelio Penna, numa página admirável, sente a misteriosa, a solitária, e terrível Didina Guerra de Itabira, viver e alastrar-se pela vida em fora, exigindo de sua pena a fixação imortalizadora. José Lins do Rego vive sob a fiscalização contínua de Vitorino Carneiro da Cunha. Graciliano Ramos nos conta a obsessão de Paulo Honório. Amando Fontes a redenção pelo sofrimento do deputado Santos Lima. Lucio Cardoso procura o seu Inácio nos subúrbios ou na Lapa. Acaba por encontrá-lo em todos os corações humanos. José Geraldo Vieira fala-nos do seu estranhíssimo "personagem real que parece imaginário".

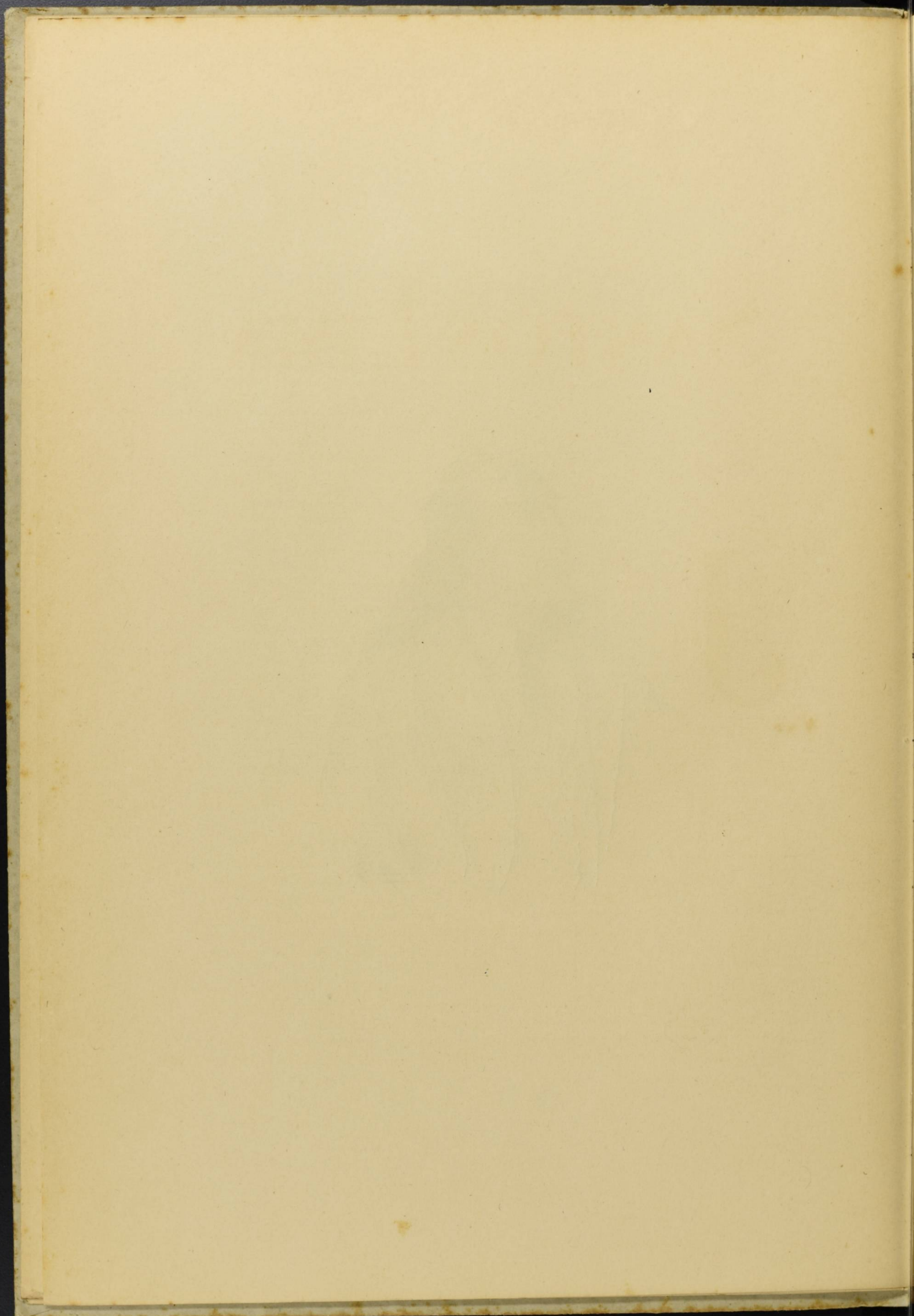
Todos vivem no diálogo contínuo com aquêles que aparentemente nasceram de suas fantasias, mas que de fato vieram de fora, a eles se impuseram, como imagens dessa vida angélica, que os incrédulos tratam com desdém como fumos da imaginação humana, e no entanto os filósofos como Aristóteles ou Platão, os teólogos e os santos de todos os tempos sabem que têm uma vivência mais real do que a nossa própria e fugaz existência terrena.

Pois é nos páramos misteriosos onde habitam os Anjos que podemos encontrar alguma semelhança com essas personagens, que só a pobreza do nosso vocabulário chama de ficção e no entanto são mais vivas, importunas e sedutoras ou inesquecíveis do que quase toda a pseudo-realidade sensível, avêso apenas das grandes realidades supra-sensíveis, que constituem, na realidade, o firmamento das coisas.

Ilustrado por artistas como Augusto Rodrigues, Luis Jardim, Carlos Leão, Santa Rosa, Clovis Graciano, Athos Bulcão, Cornelio Penna, que procuraram dar contornos a essas formas vivas da nossa convivência literária, e documentado por confissões que por vezes atingem o grau máximo da dramaticidade, como a de Octavio de Faria, este pequeno volume terá sem dúvida o destino dos grandes livros.

Tritão e anjos





SANTOS LIMA

Amando Fontes

Já se disse que em meus livros os homens passam apagadamente, figurando sempre no primeiro plano personagens femininas.

Entretanto, no romance que ora venho compondo, a figura de um homem, o deputado Santos Lima, avulta entre tôdas, está presente desde o primeiro ao último capítulo, e os demais seres que ali aparecem dão a impressão de só terem surgido para explicar a sua vida.

Nenhuma pergunta mais embaraçosa se pode formular a um ficcionista do que aquela que indague como lhe surgiu a idéia de criar, dessa ou daquela forma, tal personagem. É assunto que figura entre os mistérios da elaboração inconsciente. Certo dia, numa refeição solitária, ao acordar, durante uma viagem de ônibus, desponta em nós o desejo de narrar determinados acontecimentos que a um qualquer ser humano poderiam ter sobrevivido. Nasce, em consequência disso, a "pessoa" destinada a viver tais sucessos. A princípio, imprecisa, vaga, sem marcas, sem caráter. Vai se firmando, depois, depois adquire contornos, traços

essenciais, que a distinguem das outras. E está criado o tipo, a figura do romance, que passa, desde então, a ter vida própria, muito pouco dependente do escritor, que muitas vêzes se limita a contar os atos que ela, com as suas características e tendências, teria fatalmente de executar.

Por isso, há figuras simpáticas e outras que o criador mal suporta.

Talvez porque ainda não esteja de todo desprendida de mim, talvez porque se trate de uma personagem de inteligência e de cultura, com uma grande riqueza interior, o deputado Santos Lima é, de tôdas as criaturas criadas por minha pena, a que mais me apaixonou.

Representante do povo, figura de prol entre seus pares, em boa situação de fortuna, — não é a essa altura que desfruta da minha simpatia, do meu entusiasmo. Então, é um homem carregado de defeitos, semelhante a tantos outros, que não mereceria, por certo, ser fixado em um romance.

Depois, sim. Quando a dor o acutila, e o sofrimento determina que êle se reencontre com o que fôra na pureza de sua adolescência, — aí é que cresce e me empolga. Pouco e pouco, o mundo fôra matando suas idéias generosas,

seus propósitos de ser apenas reto e útil. Deixara-se envolver pelos acontecimentos, pelo meio, e também passara a amar o dinheiro, as mulheres, as vitórias fáceis, tôdas as pequenas glórias de um político que não conseguiu se alçar à chefia, e cuja atuação, embora de marcado relêvo, se perdia entre as atitudes e os gestos de todos os componentes do seu agrupamento partidário.

Não poderia furtar-se a que o seu modo de agir, na vida pública, viesse imprimir o mesmo cunho à sua existência familiar. E assim, não soube fazer de cada filho um ser de elite, a êle prêso pela dedicação, pelo respeito. Vivendo egoisticamente, escravo do bem-estar e do prazer, chegou a ignorar, por muito tempo, a grandeza moral de D. Eugênia, sua espôsa.

Em 1930, porém, foi apeado do poder o partido em cujas fileiras militara desde a mocidade. Reeleito para a Câmara por seis vezes consecutivas, havendo abandonado a cátedra e o escritório, a êle bem se aplicara a designação, no momento pejorativa, de político profissional.

Com a queda, teve de se defrontar, logo e logo, com decepções, dificuldades financeiras, humilhações de tôda a espécie. Viu desaparecerem de seu redor um sem-número de pessoas que se diziam suas amigas. Estranhou exigências inadiáveis de quem antes tudo lhe facilitava.

Para maior angústia sua, perdeu a mulher, por êsse tempo. E teve de assistir ao esfacelamento, à dispersão da família, com uma das filhas, Ivone, se desquitando do marido, para ir viver abertamente com um amante; com o filho mais novo, oficial do Exército, integrado na corrente dos que combatiam os antigos políticos, entre os quais êle formava; com o filho mais velho, sempre alocado e desonesto, cada vez mais afundado nos inúmeros vícios que lhe teciam a existência... Muito poucas amizades corresponderam, então, ao que delas esperava. A filha Eunice. Lourdinha, a amante. Pernambucano, um de seus empregados. Antônio,

o irmão, que ficara na província, na pequena cidade de seu nascimento...

E' justamente daí por diante que começa a avultar ante meus olhos.

Prêso, vendo os seus negócios comerciais se esbarrondarem numa falência iníqua, perdendo a casa e todos os haveres, o nome atassalhado pela imprensa, Santos Lima passa a examinar-se, a perscrutar no fundo de sua alma, e então se inicia o processamento de renovação de seu caráter.

No princípio, reage com ódio aos golpes que lhe são desferidos. Mas a onda de maus sucessos continua.

Na luta de todos os instantes, procurando remédio para os males que lhe vêm, começa a compreender que nêle próprio se encontra a matriz de todos os seus sofrimentos. Vai readquirindo a capacidade de se analisar, de muitas vezes condenar suas tendências. E, sobretudo, aprende a entender os outros, — o que logo lhe confere o dom de perdoar. Passa a considerar que foi êle próprio o causador de todo o mal que lhe ocorria. Se não houvesse se deixado contaminar — pensa muitas vezes — se tivesse seguido sempre a linha de desinterêsse e retidão que dava rumo aos seus passos na adolescência e na primeira mocidade, certamente não seria vítima dos fatos que o afligiam no momento. Teria tido uma vida menos intensa, vazia de pequenas vitórias, gozos fugazes — mas nunca se partiria seu equilíbrio. Feliz consigo mesmo, não encontrando no íntimo da consciência a mais leve repulsa a qualquer ato praticado, ou a desdita não se teria abatido sôbre êle ou disporia de reservas poderosas para enfrentá-la e dominá-la.

Mas quando, agora, buscava esteios a que se arrimar, — a religião, o sentimento do dever cumprido, a realização de uma obra definitiva e fecunda — nenhuma resposta lhe era dada.

Não havia, por conseguinte, outro caminho a percorrer senão condenar-se, arrepende-se, procurar restabelecer o primado dos puros ideais antigos, dar um sentido moral à sua vida.

empregar sòmente em obras e atos construtivos os últimos dias da existência.

Essa transformação, que não se opera de chôfre, por simples volição da personagem, mas lentamente, sob a ação do sofrimento, opera-se afinal.

E é com grande contentamento, senão com certo orgulho, que o vejo, sólido em sua nova atitude, recusar o completo restabelecimento de sua posição político-social, desdenhar, até, maiores vantagens, com a presidência do Estado ao alcance da mão, talvez um ministério...

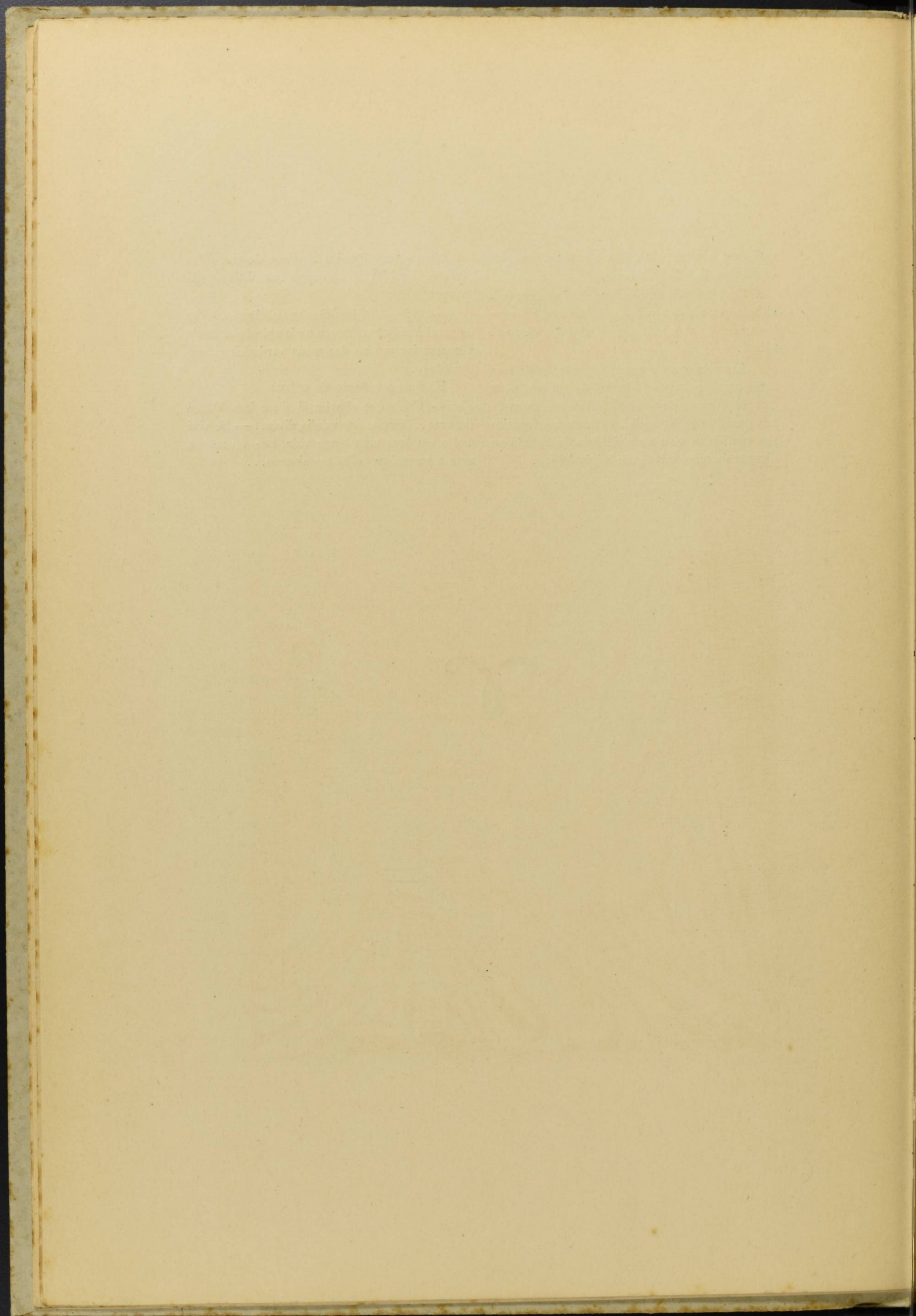
No pequeno jardim da casa de sua filha Eunice, lá no Méier, são estas suas últimas palavras:

— Não, Pereira Gomes, obrigado. Não tornarei à política. Nunca mais agirei por modo a contrariar um só dos meus verdadeiros sentimentos...

E, ante o espanto do outro:

— Creio que alguém já disse isto. Pouco importa. Tomo-o por minha divisa: — Se vivi mal e em êrro uma longa vida, que, ao menos, ante a morte, eu saiba ser sincero...









DIDINA GUERRA

Prudis Terra

HA muitos anos, há muitos anos, eu passei por uma rua de Itabira do Mato Dentro, e ao meu lado caminhava uma pessoa que já não vive mais...

Passamos bem devagar, sem ruído, diante de uma casa baixa e sinuosa, porque ali morava alguém que não devíamos despertar, e que a essa hora devia estar dormindo o seu único sono do dia, cansada de lutar.

A rua subia de repente, tôda eriçada de pedras agudas, como o dorso de um antigo animal, e a casa sôbre ela se debruçava, parecendo ter parado a sua queda naquele momento, para não nos esmagar, amparada não se sabe por que fôrças ocultas. Tôdas as janelas estavam fechadas, e a pequena porta baixa, pintada de vermelho côr de sangue, que servia para receber os seus raros e medrosos visitantes, — quase todos levando apenas um auxílio, nem sempre bem recebido, — também cerrada, cortava qualquer comunicação com o mundo mau e escarninho, representado naquele momento por

nós, que passávamos pela rua triste e sòzinha de Itabira do Mato Dentro.

O próprio som de nossos passos se fazia surdo, abafando os seus ecos, rastejante, com receio de perturbar aquêle repouso... Repouso laboriosamente conquistado no combate cruel contra todos os pensamentos desencontrados que a tinham, com certeza, perseguido até aquela hora adiantada do dia, e acompanhado por todos os recantos da casa, com suas figuras mortas, com suas vozes mortas, com seus remorsos mortos também.

Desde o dia em que entrou em seu espírito uma suspeita sutil, a de que não era necessária a ninguém, e que não saberia responder a nenhum dos chamados cujos cochichos zumbiam incessantemente em seus ouvidos, ela sentiu-se inteiramente só, e todos que a cercavam mudaram de aparência e de significação, e passaram a olhá-la com olhos espantados, não compreendendo mais suas palavras e interpretando de modo diverso e estranho os seus atos.

Saira para a cidade em procura de alguém que a compreendesse, de uns olhos que a olhassem sem espanto, de mãos que viessem ao encontro de seu corpo sem estranheza e sem he-

sitação; mas o mêdo a cercava de barreiras invisíveis, e ninguém respondeu aos seus apelos, todos se afastaram com fria incompreensão, ou mesmo com cautela, não reconhecendo em suas pobres tentativas tôda a caridade enorme que a sufocava.

Estava agora sô em sua casa já tão velha, e nela se fechara para fugir de si mesma, protegida pela série sem fim de longos silêncios que cada vez mais a separavam das criaturas humanas. Sentia que era observada, mas com indiferença, com a facilidade, a prudência e a bonomia dos que não sabem amar.

Porque ela sabia amar, mas era prisioneira de sua miséria solitária, inconsistente e vaga, sem remédio, porque não tinha provas, não tinha argumentos, não tinha sequer defesa de sua alma encadeada. Quando uma palavra, um fato real, acontecimentos se concatenavam para explicar a sua desesperada tristeza, que todos julgavam simples afetação, ela guardava nos lábios presos a frase que deveria ser a sua justificativa.

— Como justificar, como explicar, se ela própria não acreditava em si mesma?

Sua vida deveria ser apenas uma sucessão de horas, passadas ao lado de pessoas estrangeiras, que se aperceberiam de sua presença quando afrouxasse a sua vigilância sôbre si mesma e o trabalho encarniçado pela manutenção das aparências de tudo que a cercava. Então ouviria uma observação enfadada, que seria recompensa maior de dias e dias de martírio...

— Parece que você tem alguma coisa...

E olharia para si espantada, súbitamente prêsa da humilhante confissão de que ela se dera uma importância que não tinha, que não merecia. Os anos correriam, e o seu prazo, o tempo que lhe fôra dado de vida, se esgotaria sem piedade, e a morte havia de vir, sem que ela se sentisse viver.

Um dia abrir-se-ia diante de seus passos o escuro abismo em que deveria precipitar-se sô-

zinha, conservando ainda intacto o seu coração imenso, apenas amesquinhado pelas dúvidas e pelo emprisonamento... E resolveu fechar-se realmente em si mesma, refugiar-se no extremo limite de sua personalidade, levar até à loucura a sua solidão agora voluntária, gozando em silêncio, vagarosamente, a dor de existir. Mas o animal velava no fundo de seu corpo, amontando revoltas que explodiam de súbito, numa angústia tão terrível que parecia a aurora da morte.

E eram horas de febre, de fogo surdo, que a devorava, fazendo com que andasse por tôda a parte, pronta a gritar e a bater em quem dela zombasse, e os meninos vinham atirar-lhe pedras e dizer-lhe palavras injuriosas, e ela respondia a todos e a tudo com espantosa violência.

Depois... com a bôca amarga, o corpo endolorido, ela voltava para sua casa, tão calada, tão sôzinha, cheirando a suor e a pó, e de novo a sensação de não ser daquele país onde nascera, de não ser aquela que todos conheciam, mas uma outra, filha dos grandes espaços, de homens indomáveis e de mulheres de alma secreta, a envolvia em sua penumbra.

Aquela casa não era sua casa, aquêles tristes móveis não tinham a marca de suas mãos, e seu próprio espírito era um outro... agora prêso e abafado por tudo aquilo que a cercava. Sentia formar-se em seu rosto, fora de sua vontade, a máscara da angústia, e suas mãos, como se tivessem vida independente, crispavam-se em garra; mas ela sabia que só indiferença e desprêzo existiam em seu coração, e aquela figura espectral que se sentava em sua cadeira era apenas uma representação de seu ser e as lágrimas impetuosas e amargas que lhe corriam dos olhos eram águas de um rio noturno que ela não sabia de onde vinham nem para onde iam.

Arrancava então de si os vestidos manchados pela lama da cidade, banhava-se com minúcia, e reatava a série longa, interminável,

dos dias escuros, prisioneira de novo de um sonho confuso, mortalmente fatigada.

E naquela casa entravam apenas os sons muito claros da arruinada Igreja do Rosário, que fugiam para o fundo do vale como pássaros rápidos, ou o murmúrio de um ou outro passante, muito poucos naquela travessa em ladeira.

Dias imóveis, dias imóveis.

Uma luta que se resolvera em silêncio, sem desabafo, e o sangue voltava a girar em suas veias, espesso e preguiçoso, não mais aquecido pela chama da demência, e seus membros lassos se recusavam a mover-se, pois o seu corpo perdera o sentido da vida...

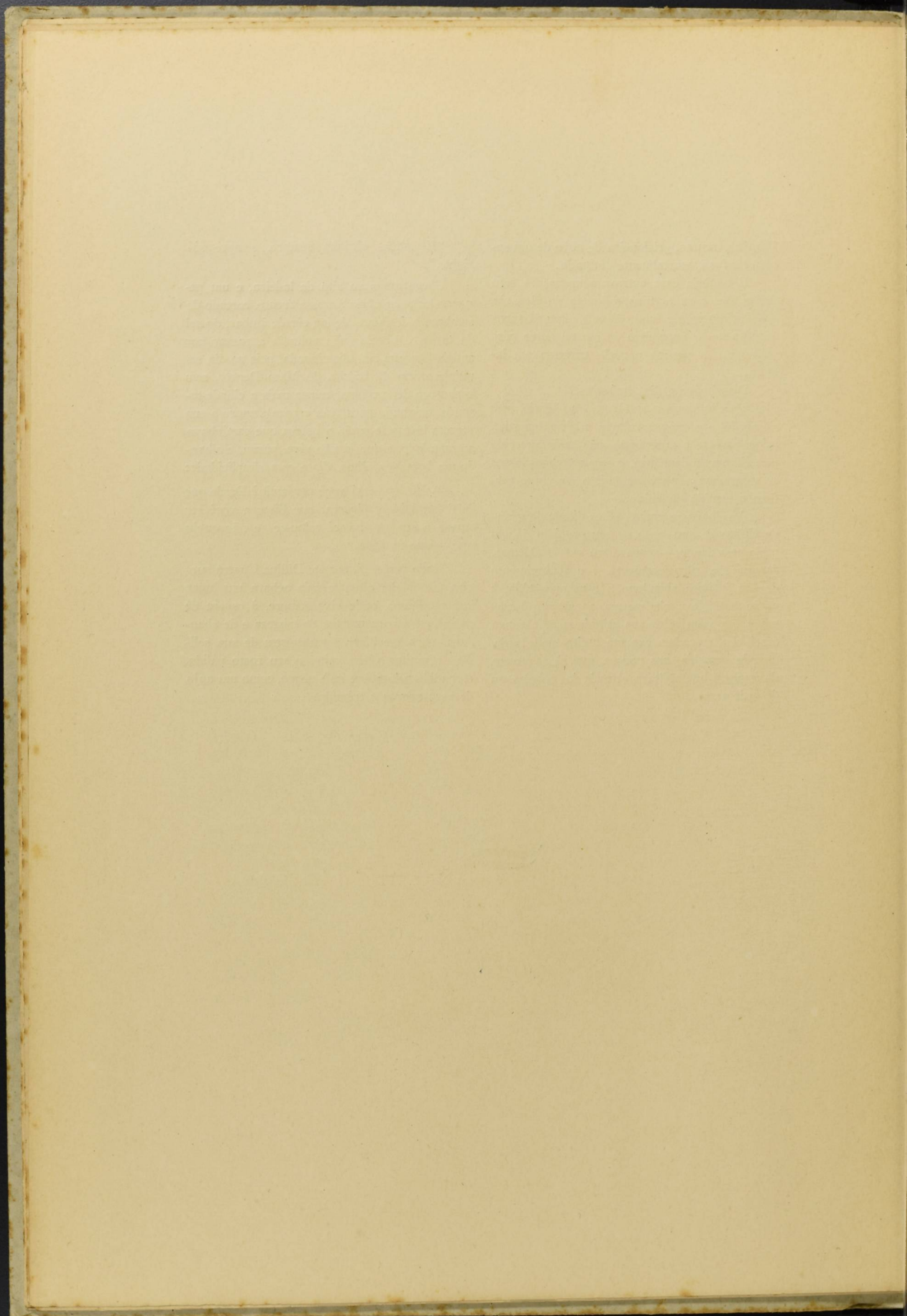
Ajoelhava-se muitas vezes diante do grande Cristo de pau-santo de seu oratório, já comido pelo tempo, e pensava em seus problemas, ferozmente, silenciosamente, e o conhecimento de seu infinito abandono a penetrava toda, e então acariciava ela mesma as suas próprias mãos, e a mentira de sua atitude só se tornava sensível à sua alma exausta muito mais tarde, quando percebia, aos poucos, que se esquecera da imagem que a fitava através dos cabelos em desordem.

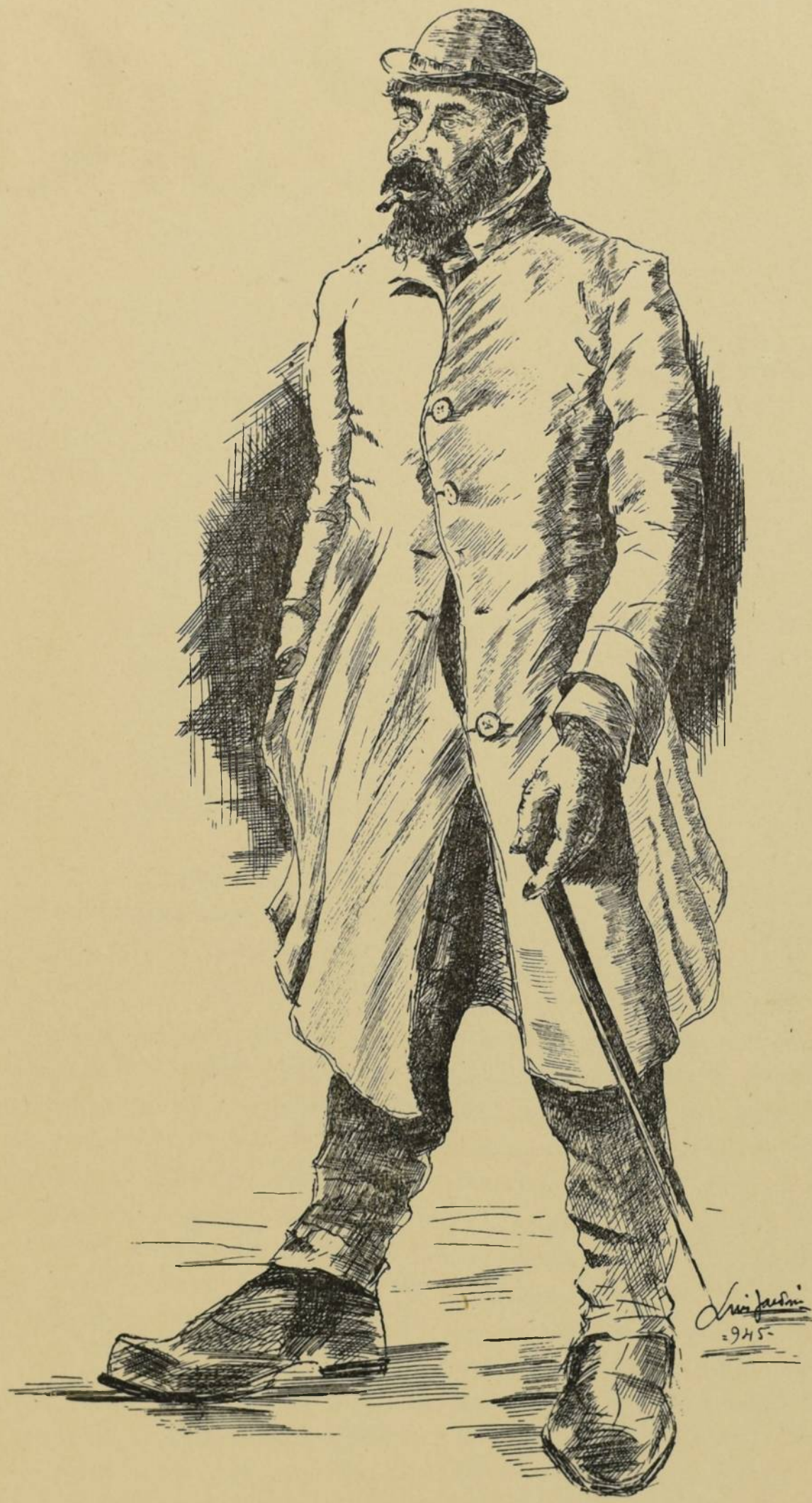
“E estava sòzinha sempre, sempre sòzinha.”

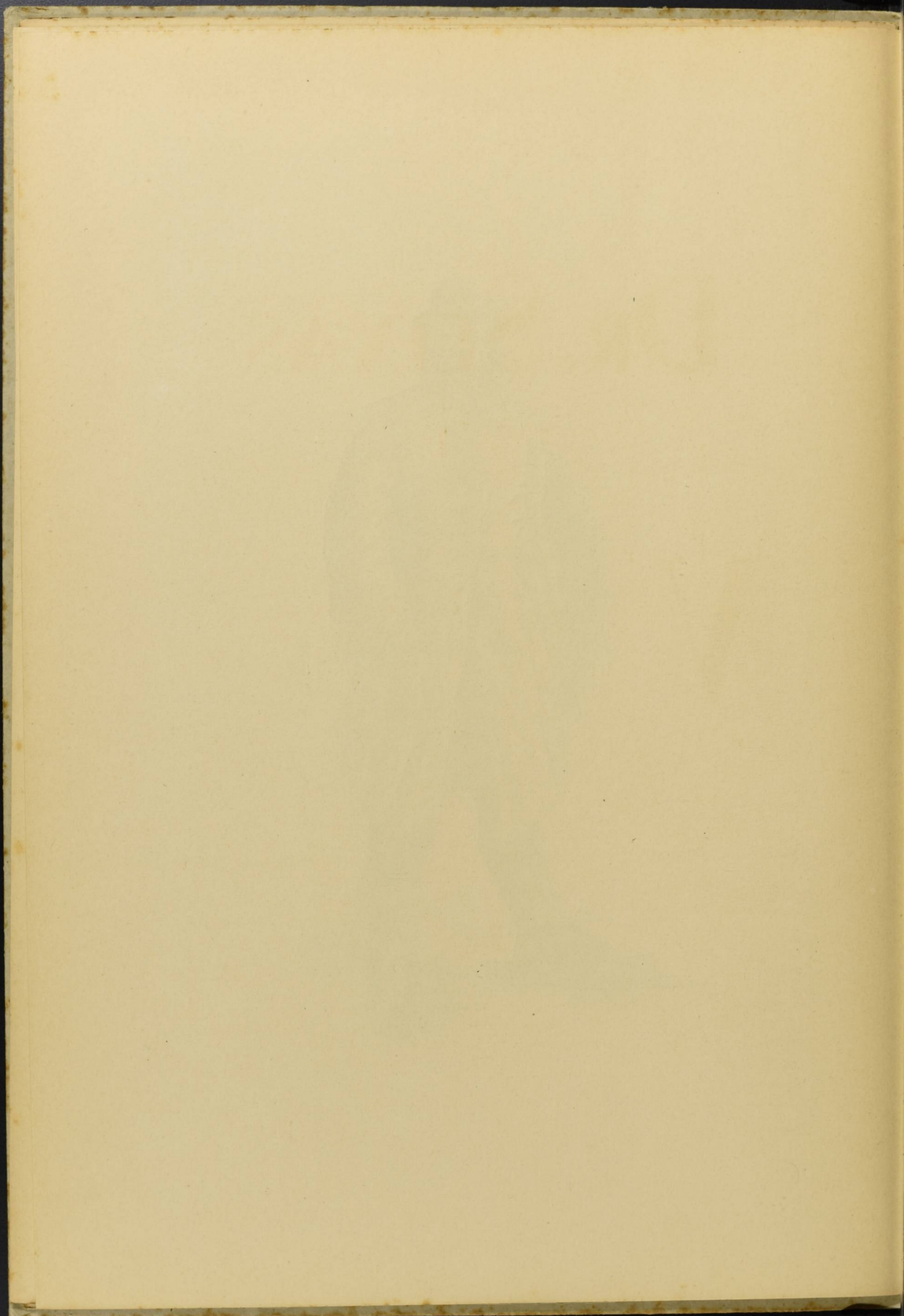
Chegáramos ao alto da ladeira, e um pequeno largo se abria à nossa frente, cortado de sombras e de faixas de luz côm de âmbar, do sol da tarde, e decerto não voltaria a passar por aquela pequena rua abandonada, pois no dia seguinte sairia de Itabira do Mato Dentro, sem esperança de encontrar nunca mais a cidade-tesouro, deixando para trás e para sempre a sua secreta beleza, e então a pessoa que caminhava ao meu lado, e que já não vive, parou, e olhando-me bem nos olhos, disse com simplicidade:

— Em que está você pensando? Desde que falei em Didina Guerra, que disse a você ser aquela a sua casa, você calou-se e não ouviu mais o que eu disse.

Nada respondi, porque Didina Guerra surgira em minha alma, e nela achara um lugar imperecedouro, onde vive sempre, à espera de todos os meus momentos de tristeza e de abandono, para me dizer a mensagem de sua solidão, e muitas vezes vejo o seu rosto pálido, escondido pelo pobre xale negro, como um anjo de asas negras e trêmulas...







DR. SEIXAS

Erico Verissimo

VÁ lá a gente saber como nasce uma personagem! No princípio é o caos — um caos feito de anseios, lembranças, impressões, frustrações, ecos... Dêsse caos surge uma fisionomia, uma voz, um “jeito”, uma expressão; e quando o autor menos espera lá está a personagem inteira, falando, movendo-se, vivendo enfim...

Parece-me que as personagens mais vivas são aquelas que fogem a qualquer plano, desobedecendo ao autor. Os tipos construídos especialmente para representar uma classe, tirados pelo romancista da nebulosa inicial para vir dizer um determinado número de palavras e fazer um determinado número de gestos e movimentos de acôrdo com os “interêsses” da história, em geral dão a impressão de bonecos, de manequins sem vida própria.

Eis porque em muitos casos as melhores figuras dos romances raramente são os heróis, as personagens centrais, mas sim as acidentais, as que nascem por obra e graça do acaso e se

movem livremente, pela simples razão de que delas o autor nada espera de definido e especial.

Dêsse modo, um determinista como eu concorda em que há um setor do universo em que às vêzes é possível o livre arbítrio: o mundo da ficção.

Tomemos o caso do dr. Seixas.

Havia eu escrito pelo menos um têrço do romance *Um Lugar ao Sol*, em que contava a fuga de Vasco e Clarissa de sua Jacarêcanga natal rumo de Pôrto Alegre e do que se lhes afigurava uma vida melhor. Tinha narrado também o draminha de Amaro, e agora de repente precisava de um médico para vir dar uma injeção em Orozimbo, o pobre-diabo que tinha um câncer no estômago.

Médico? A palavra imediatamente me trouxe ao espírito uma imagem, naturalmente a de um médico que me impressionara quando eu era menino. No meu cérebro começou a mover-se um homenzinho barbudo, ranzinza, agressivo, e ao mesmo tempo bondoso e terno... Devia eu trazê-lo para o romance assim como êle se me oferecia? Sempre resisti à tentação de *fotografar* tipos da vida.

Mas era preciso resolver depressa. Todos os meus romances foram escritos num tom de “urgência”. Havia muitas coisas a dizer, e no fim de contas a minha geração sempre escreveu à sombra duma ameaça. Tínhamos de escrever depressa, sem nenhum vagar acadêmico, sem nenhum cuidado — tumultuosamente, desordenadamente, seguindo o ritmo da hora. Alguma coisa estava para vir. Uma outra revolução, uma grande guerra, ou uma nova inquisição. Esperávamos sempre com o coração inquieto as batidas do destino à nossa porta. E o destino quase sempre tinha a forma dum simples investigador da polícia.

Nesse ritmo acelerado comecei o capítulo em que nasceria uma das minhas personagens mais queridas.

Alguém disse: “Entre, doutor.” O médico entrou, e a honestidade me obriga a dizer que não dei a menor importância a essa entrada. Eu havia chamado êsse médico (que até então era para mim um desconhecido, cujo nome eu não sabia e cujas feições eu nunca vira) apenas para vir dar uma injeção de morfina no pobre Orozimbo e retirar-se de cena talvez para sempre. Um simples “extra”.

No entanto o médico entrou e ficou, contra todos os meus planos e expectativas. Mas vejamos como a coisa aconteceu.

Antes de ver-lhe a cara ouvi-lhe a voz. “Como vai o maricão?” — perguntou êle. Quem na realidade havia feito a pergunta era o médico da minha infância. Mas em vez de ouvir a sua voz atemorizada ouvi um vozeirão grave e forte. E eu mesmo me surpreendi a descrevê-lo assim: “Tinha uma voz brutal, vibrante e ao mesmo tempo rouca, um som de vitrola de diafragma partido.” Já a minha personagem começava a diferenciar-se da criatura da vida real que a memória insistia em empurrar para dentro do romance. E assim, levado por uma força misteriosa — essa força de criação impossível de analisar e de explicar — eu me lancei à descrição do tipo: “Era alto, vestia-

se com desleixo...” Mas tentemos explicar êstes traços. Por que *alto*? Talvez um desejo de despistar, de evitar a cópia. Isto é, o autor queria fugir ao modelo. Ou então era apenas uma consequência “quase lógica” da palavra *vozeirão*, a idéia talvez infantil de que um *vozeirão* só pode sair da bôca dum *homensarrão*. Por que *desleixado*? Outra idéia feita: “Os homens grandes são desleixados”.

Continuei a descrição: “Andava quase sempre com um tóco de cigarro colado ao lábio inferior, e a gola do casaco suja de cinza. Por quê? Conheci grandalhões que eram assim. “Gostava de palavrões, de anedotas picantes...” Outro traço do médico da minha infância, mas um traço que eu havia de exagerar um pouco daí por diante na minha criatura.

“Como está êsse Jeremias?” — tornou a berrar o médico. E assim o dr. Seixas fez a sua entrada no romance e (perdoem-me a imodéstia) na vida. Mas por que lhe dei o nome de Seixas? Puro acaso — pensei no princípio. Podia chamar-se Barbosa, ou Cunha ou Teixeira. Só muito mais tarde é que descobri que havia na vida real (traições do subconsciente) outro médico barbudo chamado Seixas.

Com largas passadas o velho Seixas aproximou-se de Orozimbo, estendeu na direção dêle a sua enorme mão peluda, com as pontas dos dedos amareladas de iodo. *Enorme mão peluda* é um detalhe que vai naturalmente com o tamanho do homem. Quanto aos *dedos amarelados de iodo*, é uma reminiscência de meu avô paterno, que era também médico.

Seixas sentou-se. Que podia fazer um homem de seu tipo e profissão em Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil? Fumar, é claro. Mas fumar que tipo de cigarro? Cigarro de palha. E assim o meu barbudo e truculento herói puxou duma palha e da bôlsa de fumo, e pôs-se a enrolar um cigarro. (Reminiscência de meu avô materno, tropeiro e contador de “causos”.)

Orozimbo queixou-se de dor. E Seixas, aparentemente impiedoso, retrucou: "Você precisa é duma boa amante." E soltou uma gargalhada.

Esta observação e esta gargalhada de Seixas são por assim dizer o seu grito de independência. Com elas a minha personagem se libertou das criaturas da vida real que me forneceram elementos para a sua composição. Aos poucos o seu retrato psicológico principia a ser traçado duma maneira objetiva e negativa. E' que aquela atitude sarcástica e impiedosa — desconfiava eu — nada mais era que uma cortina de fumaça para esconder o sentimentalão. Descobri também com surpresa e delícia que a única maneira que Seixas encontrava para "consolar" a mulher de Orozimbo era tratá-la com aspereza, ferindo-lhe os sentimentos religiosos e a pudicícia. E à medida que o tempo passava eu descobria no velho doutor outros traços que me pareciam pitorescos. Por exemplo: a sua impaciência diante dos velhos e a sua simpatia tolerante pelos jovens.

Dona Magnólia, a espósa do doente, naturalmente não o compreendia. Temia-o, respeitava-o... e precisava d'ele, pois o dr. Seixas nunca lhes apresentava a conta dos serviços prestados. (Outro característico do médico da minha infância.)

Orozimbo geme de dor. O médico vocifera: "Maricão! O que você tem é uma rosa no estômago." Uma rosa! Neste caso a imagem não é poesia, mas sarcasmo. No fundo do sarcasmo, entretanto, há uma nota de piedade, uma paradoxal tentativa de consolo.

O dr. Seixas sabe que Orozimbo está perdido. Depois de todo o sarcasmo acrescenta:

— Coragem! Você vai sarar, homem. Devia até estar contente...

Orozimbo neste ponto aguarda uma palavra de esperança. Contente por quê? O médico continua:

— Uma rosa rara dessas...

E aplica-lhe uma injeção sedativa, ao mesmo tempo que conta ao casal uma anedota pornográfica.

Nesse ponto achei que seria divertido fazer entrar um pastor metodista. Chamei-o à casa de Orozimbo e escondi-me para ver o que acontecia. Era natural que o médico provocasse uma discussão em torno de religião, procurando escandalizar o outro.

Segue-se um diálogo, ao cabo do qual comecei a ficar inquieto. O diabo do dr. Seixas principiava a ser um problema. Contratado apenas para entrar naquela casa, dar uma injeção no paciente e ir-se em paz — êle fazia pé firme, impunha-se como personagem, "roubava" a cena, desobedecia ao seu criador.

Tratei de mandá-lo embora. Êle apanhou o chapéu e se foi. Mas não tive coragem de abandoná-lo. Segui-lhe as passadas largas. No corredor êle ouviu um choro. Lu, filha do casal, lutava com o seu problema. Sentia-se infeliz, incompreendida. Os pais se opunham ao seu namoro com Olívio.

— Não tenho direito de me divertir? — perguntou ela. — Não sou de carne e osso como as outras? Que culpa tenho de meu pai ser doente e de minha mãe ser metodista? Que culpa? Isto não é vida.

O doutor coçou a barba. Tirou da carteira um cigarro de papel. Riscou um fósforo. E só agora, à luz da chama, é que eu percebia que o doutor tinha olhos azuis. (Outra vez o médico da minha meninice.) Olhos azuis e bondosos, e nariz furado de bexigas, bem como algum nariz que vi em alguma cara, não sei onde e nem quando.

— Um dia isso se arranja... — disse Seixas, procurando consolar a menina.

— Mas não posso mais — choramingou ela. — Não agüento.

— Então fuja — disse o dr. Seixas.

— Quê?

— Fuja.

— O senhor está falando sério?

Neste ponto parei. Estaria o velho falando sério mesmo? Um problema. Que iria êle responder? Pouco importava. Eu já não tinha mais nenhum domínio sôbre aquela personagem. Ela era senhora de suas palavras e de seus atos. Foi com surpresa que ouvi esta resposta dos lábios crestados do velhote:

— Não.

Soltou a enorme risada, que na escuridão era assustadora. Assustadora não apenas para Lu, mas também para mim.

— Vá agüentando — continuou êle. — Isso passa. Um dia a vida melhora.

Tinha pena dos moços. Via como êles andavam pelo mundo como môscas tontas, como caíam no primeiro prato de água com vinagre; ficavam lutando por se libertar, sacudindo as pobres asas. *Seixas conhecia Fernanda, conhecia Noel.* (No momento em que escrevi estas palavras, assumi tácitamente um compromisso. O de incluir Seixas no elenco da história. Êle não era apenas um *extra*. Era um ator de primeiro plano, um ator que se candidatava ao título de *star*. O diabo do homem tinha fôrça.) Continuei: “Conhecia-os mais do que êles mesmos supunham. Tinha pena dêles. *Mas tôda a sua pena, tôda a sua simpatia se traduziam em palavras e em gestos ásperos, em graças pesadas, brutais e chocantes. Aí estava o jeito do doutor Seixas.*”

Lá se foi êle pelas calçadas daquela rua suburbana. Para onde? Eu não sabia. Só tinha certeza duma coisa. Era de que êle voltaria.

Seixas voltou não só nos capítulos seguintes, mas também no próximo livro, *Olhai os Lírios do Campo*. Quando fiz o plano desta história não pensei no velho doutor.

Uma noite, quando Eugênio e Olívia descem para o saguão do hospital, algo de inesperado acontece. Sem a menor premeditação do autor, o dr. Seixas aparece em cena, e não tenho outro remédio senão justificar a situação, expli-

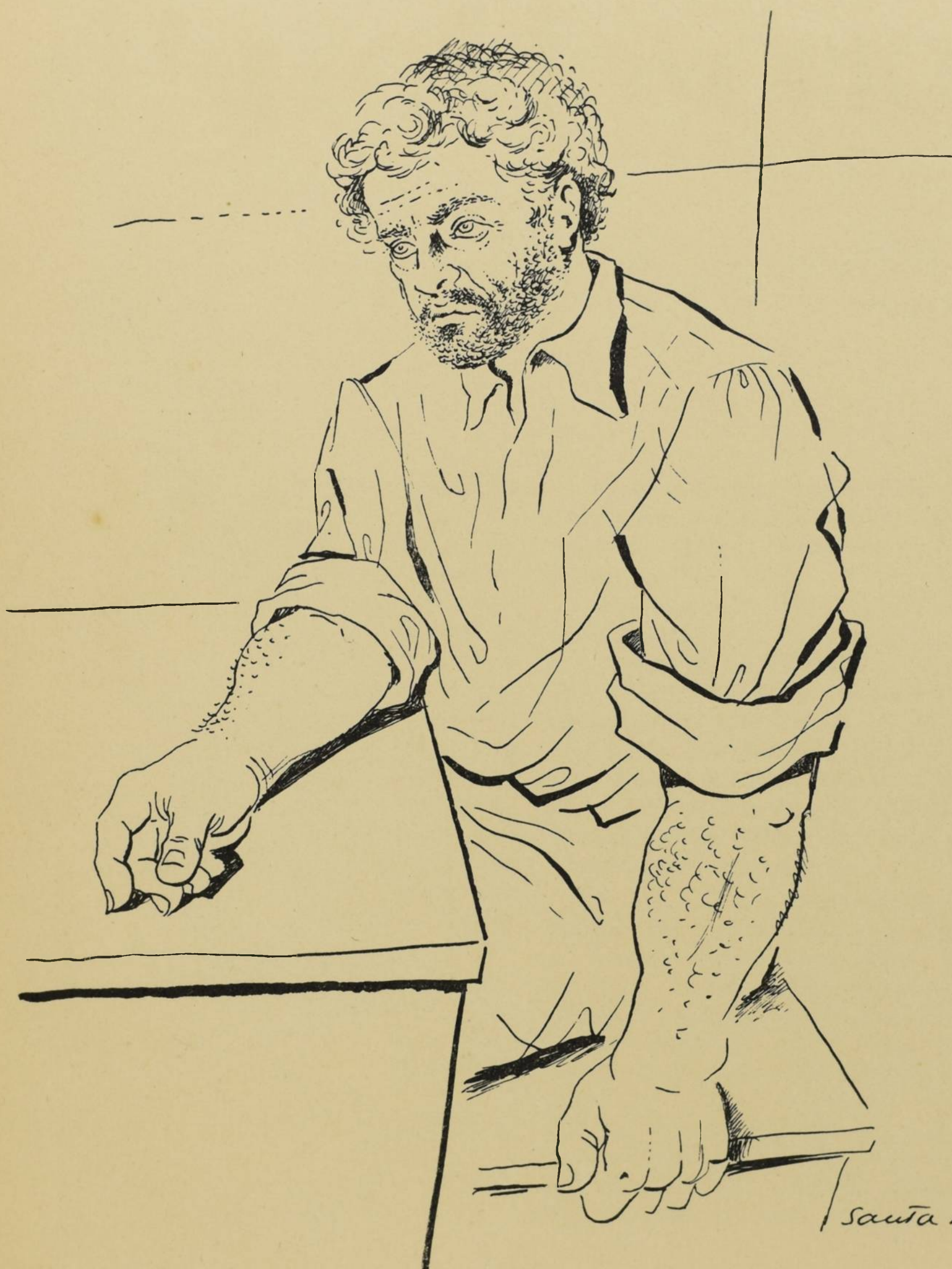
cando que o dr. Seixas tinha sido médico da família de Eugênio, quando êste era ainda menino. (Outra vez o médico da minha infância!) Dêsse modo Seixas ficou na nova história ocupando um lugar importante, mas conservando sempre a sua independência, fazendo e dizendo o que bem entendia. Eu tinha planos para Eugênio, para Olívia, para Eunice, para a maioria das outras personagens. Mas respeitei a liberdade do velho doutor. Essa é a razão por que êle é talvez a personagem mais viva de todo o romance.

Agora, uma confissão bárbara. Decidi matá-lo antes que a história de *Olhai os Lírios do Campo* terminasse. Seria mais um golpe para Eugênio. Preparei tudo para aquilo que em linguagem de jornal provinciano se chama “desenlace fatal”. Mas Seixas recusou-se a morrer. Bateu pé e ficou, cada vez mais vivo. E eu tive de desistir do plano macabro.

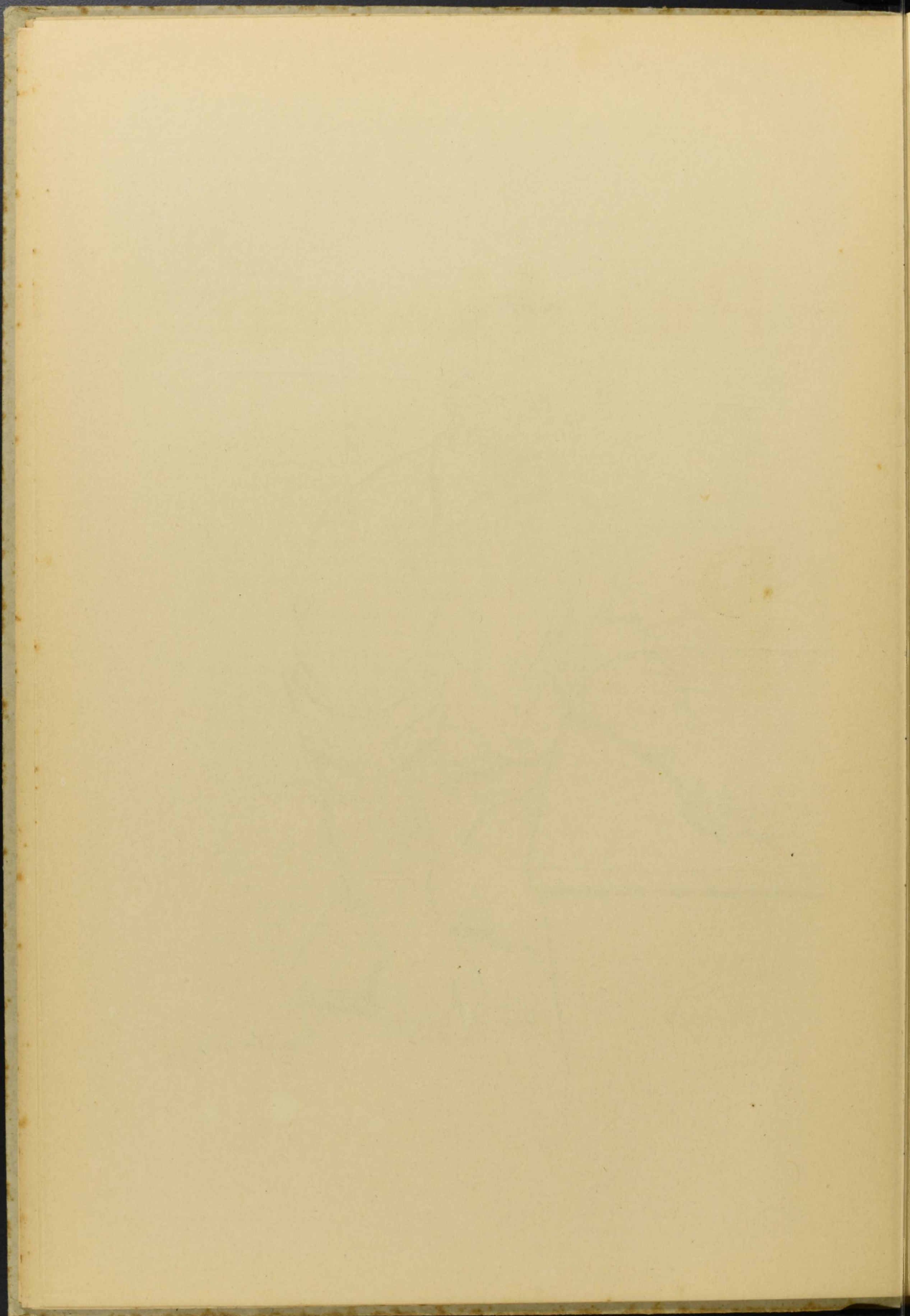
Em 1940 escrevi mais um livro: *Saga*. E quando eu menos esperava o diabo do velho me apareceu. Não tive outro remédio senão deixá-lo ficar. Descobri com perverso prazer que êle estava mais velho, abatido e doente. Esfreguei as mãos, satisfeito. A minha oportunidade chegara. Numa madrugada consegui matar o velho. Eugênio estava no quarto quando êle morreu. Tudo se passou sem muito ruído. E quando a alma do velho havia abandonado aquêlle corpanzil cansado e magro, fiquei tomado de uma estranha angústia, que era ao mesmo tempo sensação de culpa, arrependimento e já saudade.

E hoje, procurando analisar as razões que me levaram a matar o bom dr. Seixas, cheguei à deprimente conclusão de que tudo foi motivado pelo despeito. Uma sórdida, mesquinha vingança de autor. Ferido no meu orgulho de criador, eliminei do mundo dos vivos uma criatura que se recusara a me obedecer.

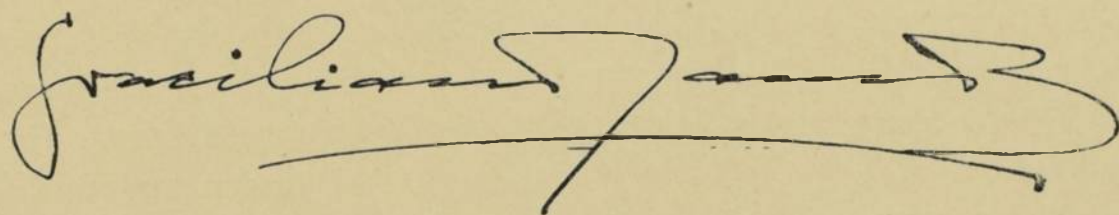
Sou um miserável. Deus tenha piedade da minha alma!



Santa Rosa



PAULO HONÓRIO



PAULO Honório, concebido em 1924, nasceu em 1932. Narro essa longa gestação, por exigência de Condé, homem terrível e absurdo, que guarda fotografias e papéis inéditos de todo o gênero, da novela ao rol de roupa suja, do poema à carta de cobrança, autos de processo e correspondência amorosa, coisas obtidas pelos mais diversos meios: sorrisos, pagamento do café, do ônibus e do bonde, ameaças, gritos, carinhos, promessas, injúrias, apresentação a cavalheiros ponderosos e chantagens, pois o monstro conhece fidalgos estrangeiros e funcionários da polícia. Para me extorquir estas declarações, Condé me ofereceu, antes de tudo, a glória. Como a sua coleção durará séculos, posso ter a certeza de que, senão a obra inteira, pelo menos uma das minhas personagens tomará pé no futuro. Em segundo lugar vem o assunto pecuniário: o malvado farejou o meu orçamento, percebe nêle um desequilíbrio e dispõe-se a endireitá-lo.

— Com meia dúzia de penadas, V. ganha um dinheirão, filho de Deus.

O jeito que tenho é convencer-me, decidir contar a origem de Paulo Honório, alagoano, viçosense, chegado ao Rio há onze anos e hospedado na Ariel.

Aqui vai a tarefa. Em 1924, em Palmeira dos Índios, interior de Alagoas, encontrei dificuldade séria, pus-me a ver inimigos em toda parte e desejei suicidar-me. Realmente julgo que me suicidei. Talvez isto não seja tão idiota como parece. Abandonando o contas-correntes, o diário, outros objetos da minha profissão, havia-me embrenhado na sociologia criminal. Que me induziu a isso? Teria querido matar alguns fantasmas que me perseguiram?

Naquele inverno de 1924, numa casa triste do Pinga-Fogo, sentado à mesa da sala de jantar, fumando, bebendo café, ouvindo a arenga dos sapos, o mugido dos bois nos currais próximos e os pingos das goteiras, enchi noites de insônia e isolamento a compor uma narrativa. Surgiu um criminoso, resumo de certos proprietários rijos existentes no Nordeste. Diálogo chinfrim, sintaxe disciplinada, arrumação lastimosa. Felizmente essas fôlhas desapareceram. Mas as preocupações que me afligiam desapareceram também, pelo menos adelgçaram: res-

surgi, desenferrujei a alma, tornei-me prefeito municipal. Aventuro-me a admitir, pois, que o suicídio se tenha de fato realizado.

Passaram-se anos. Deixei a prefeitura, vendi a loja, mudei-me para Maceió e fui bocejar, falar ao telefone e discutir literatura na Imprensa Oficial. Em conseqüência da bagunça revolucionária de 30, demiti-me — e no comêço de 1932 arrastava-me de novo em Palmeira dos Índios, com vários filhos pequenos, sem ofício nem esperanças, enxergando em redor nuvens e sombras.

Nessa crítica situação voltou-me ao espírito o criminoso que em 1924 me havia afastado as inquietações — um tipo vermelho, cabeludo, violento, de mãos duras, sujas de terra como raízes, habituadas a esbofetear caboclos na lavoura. As outras figuras da novela não tinham relêvo, perdiam-se a distância, vagas e inconsistentes, mas o sujeito cascudo e grosseiro avultava, no alpendre da casa-grande de S. Bernardo, metido numa cadeira de vime, cachimbo na boca, olhando o prado, novilhas caracus, habitações de moradores, capulhos embranquecendo o algodoal, paus-d'arco floridos a enfeitar a mata. E, sem recorrer ao manuscrito de oito anos, pois isto prejudicaria irremediavelmente a composição, restaurei o fazendeiro cru, a lápis, na sacristia da igreja enorme que o meu velho amigo padre Macedo andava a construir. Surgiram personagens novas e a história foi saindo muito diversa da primitiva.

Até o capítulo XVIII tudo correu sem transtôrno. Um dia de fevereiro, ao entrar em casa, senti arrepios. À noite, com febre, fiz o capítulo XIX, uma confusão que mais tarde, quando me restabeleci, conservei.

A doença prendeu-me à cama uns três ou quatro meses. Viagem a Maceió, exames, diagnósticos equívocos, junta médica, entrada no hospital, operação, quarenta e tantos dias com

um tubo de borracha a atravessar-me a barriga, delírios úteis na fabricação de um romance e de alguns contos, convalescença morosa.

Ao sair do hospital, com uma perna encençada, coxo, na ferida ainda aberta uma tampa de esparadrapo, recomecei o trabalho, que fui terminar em Palmeira dos Índios, na minha casa do Pinga-Fogo, ouvindo os sapos, a ventania, os bois de seu Sebastião Ramos. Às vêzes meu pai me visitava carrancudo, largava uns monossílabos. A carranca e fragmentos de velhas narrações dêle combinaram-se na edificação de Paulo Honório. Infelizmente êsse colaborador morreu em 1934 e não chegou a ler o romance.

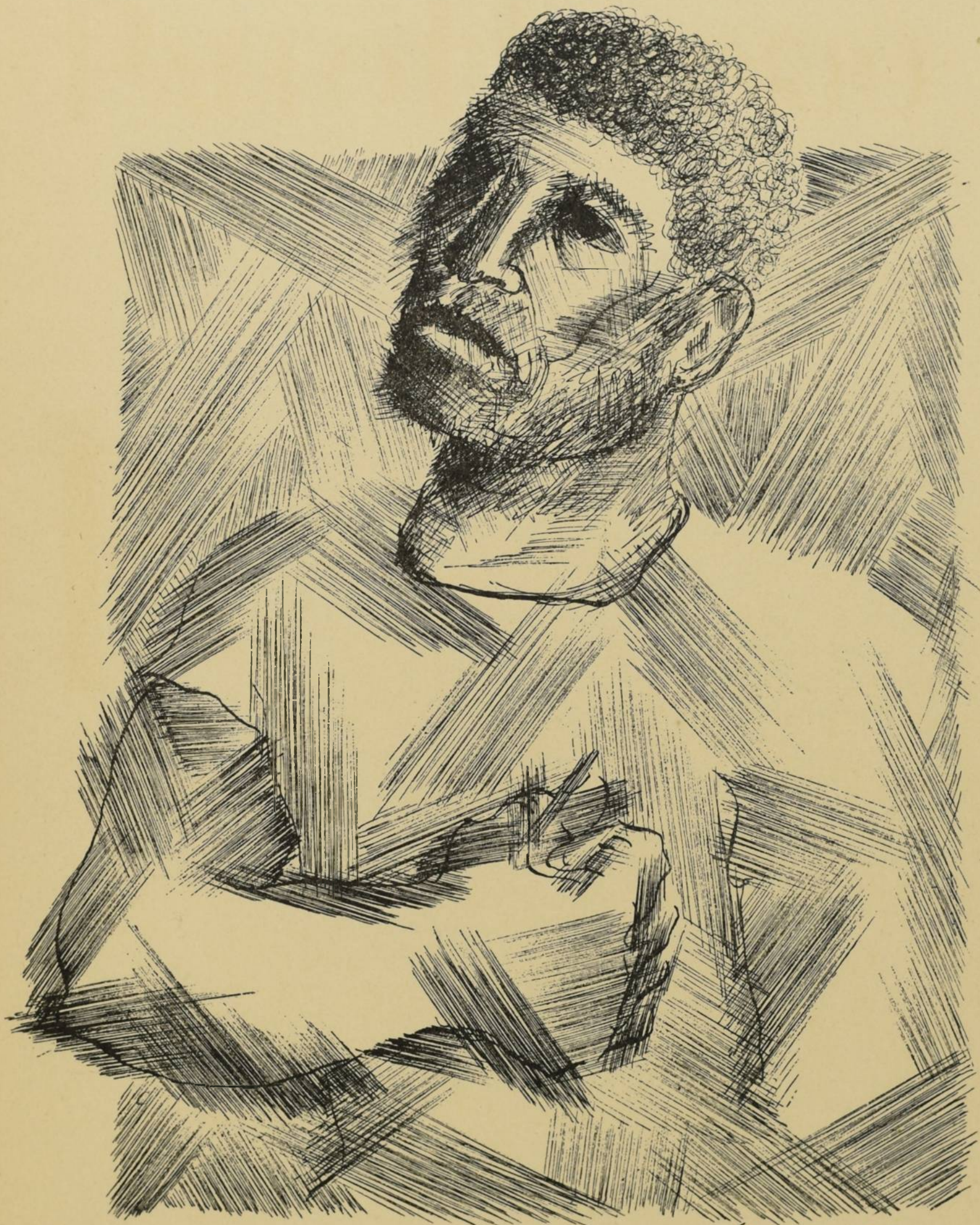
A língua, as imagens rurais, apanhei as em consultas pacientes a meus irmãos e cunhados, gente matuta. Usei com abundância antigas expressões portuguezas que circulam em todo o Nordeste.

Finda a escrita, copiei-a, tentando suprimir-lhe excrescências e acessórios dispensáveis. Houve, pois, três redações; uma, completamente abandonada, em 1924, duas em 1932. Esforcei-me em demasia por conseguir simplicidade.

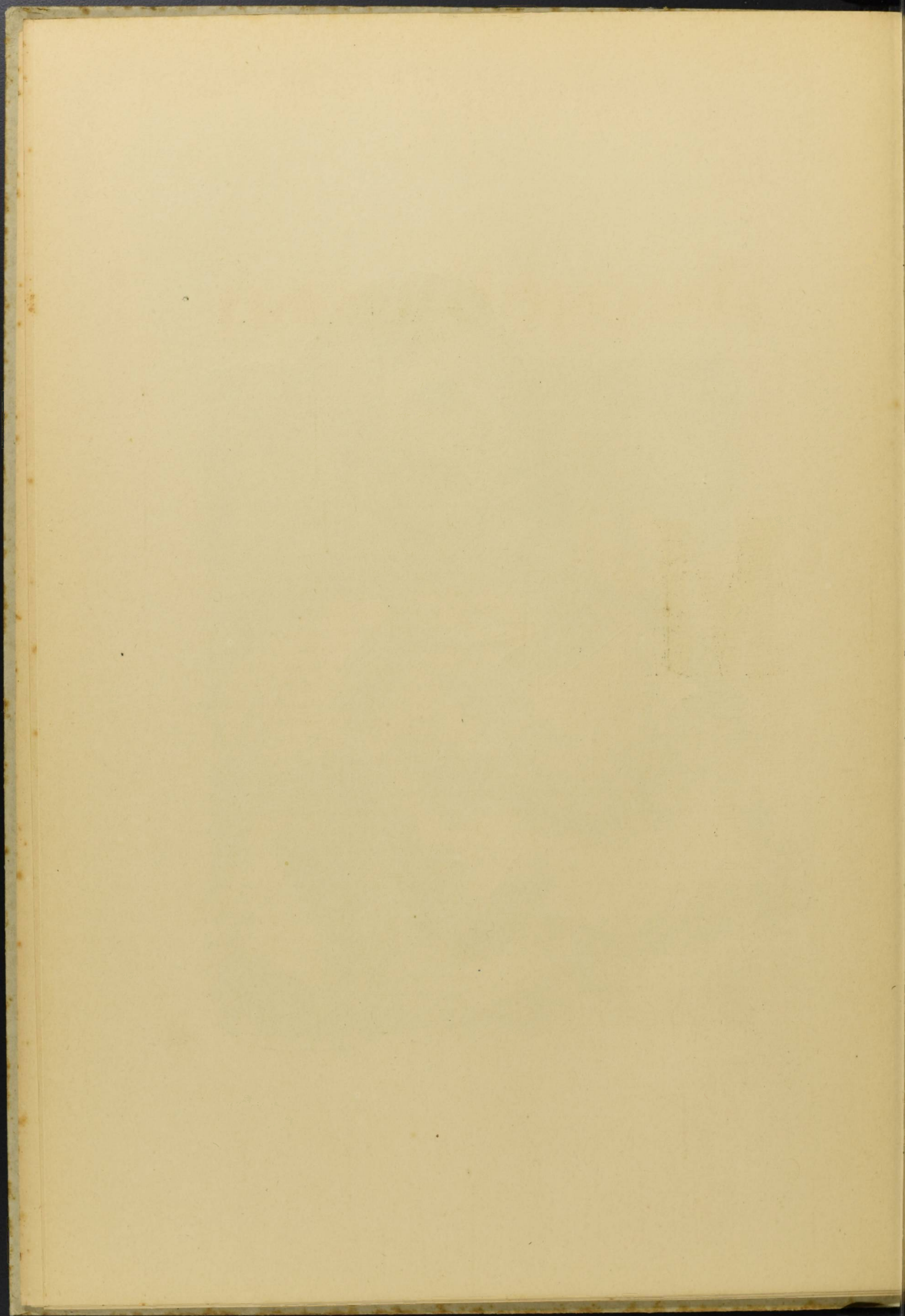
Em novembro Paulo Honório me parecia mais ou menos apresentável. Acompanhou-me à capital. Valdemar Cavalcanti dactilografou-o. Gastão Cruls editou-o. E os críticos lhe dispensaram algumas cortesias.

Em Palmeira dos Índios, onde foi gerado, ninguém deu por êle. Apenas seu Digno, parente de minha mãe, vaqueiro, informado de que certo livro tinha sido feito por mim, desconfiou, duvidou. E como lhe falassem com segurança, pegou a brochura, mediu-a, pesou-a, examinou-lhe a capa, a ilustração de Santa Rosa — e opinou:

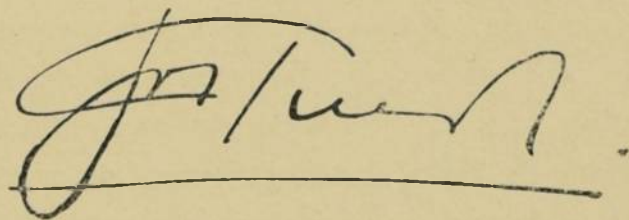
— Quem diria? Sim senhor. Está um trabalhinho direito.



Francisco



ANTÔNIO BALDUINO



MUITO escreveram sobre o negro Antônio Balduino, agora cabe-me escrever sobre ele. Faz dez anos já, os críticos literários, outros romancistas, cronistas, poetas, falaram largamente desse negro baiano que amava sobretudo a liberdade. O livro onde narrei suas aventuras não leva o seu nome como título. Leva o de um outro personagem, de um pai-de-santo, nome sonoro como o de uma árvore: "Jubiabá". Era de crer que esse fôsse o personagem central do romance, era ele quem dava título ao volume. Também eu assim o acreditava quando comecei a escrever o livro. Resultou diferente, quem menos manda no romance e na vida dos personagens é o romancista.

Existem personagens felizes, personagens que se tornam logo populares, que captam as simpatias dos leitores, que são citados nas crônicas, que viram até símbolos. Já hoje se fala de Macunaíma, desligando-se seu nome do de Mário de Andrade, e creio que isso acontece um pouco também com o negro Antônio Balduino, cujo nome tenho visto em artigos como símbolo

do negro, desprendido do livro onde nasceu e cresceu, desprendido do autor do livro, sozinho pela vida, muito senhor de si. Personagem feliz, dos mais felizes entre quantos levantei nos vários romances que escrevi. Vi seu nome em várias línguas, tornou-se conhecido em muitos países. Nenhum livro meu foi tão traduzido quanto aquele do qual o negro Baldo é o personagem central. Andou em língua francesa, em espanhol, em russo, em alemão, em sueco, em dinamarquês, está pronto para andar em inglês, aventuras de um negro baiano inquieto, amando o mar, a música, as mulatas, os deuses africanos, a liberdade e a luta. Homens ilustres falaram sobre ele: Duhamel, o russo Kelin, o chileno Neruda. Ainda hoje, dez anos passados, continua sua carreira. Neste ano de 1945 oito mil exemplares do livro que trata dele foram vendidos e já uma nova edição está no prelo. Gostam dele.

O autor é como um pai, já disseram. E o pai tem sempre mais ternura pelos filhos menos brilhantes, aqueles de quem não falam tanto. Nunca são os personagens mais importantes aqueles de que mais gosto. No próprio *Jubiabá* não é o negro Antônio Balduino o meu predileto. Minha ternura maior vai para o Gordo,

outro negro vagabundo, espécie de sombra tímida e bondosa de Baldo. Seu público, seu guarda-costas, seu companheiro leal, sonhando com descobrir uma estrêla no céu da Baía, uma estrêla nova que fôsse só dêle, sempre cheio de assombro diante da vida, que termina louco pelas ruas quando assiste à morte de uma inocente negrinha e se rompe sua fé em Deus todo justiça e bondade. Mas o público havia mesmo de gostar, de estimar, de falar, era de Antônio Balduíno, que foi moleque de rua, imperador da cidade da Baía, fazedor de sambas saudosos, tocador de violão em festas de morro, bebedor de trago largo, *boxeur*, artista de circo, trabalhador nas plantações de fumo, quase assassino, guloso, sensual e valente, dono de um urso manso, doqueiro no cais misterioso da cidade negra, grevista e comunista por fim. Num caminho difícil, na áspera luta pela conquista da liberdade. Primeiro com um sentido racial e anárquico, para chegar, através do caminho lírico e duro das suas aventuras, ao seu sentido real de classe. A sua vida é tôda ela a busca desesperada da fraternidade humana, do amor, da felicidade dos homens sôbre a terra. Do ódio ao trabalho mal compreendido ao amor ao trabalho dignificante. O pai Jubiabá, que simboliza a tradição do negro baiano, costumava dizer que "o ô'ho da piedade secou, ficou só o ôlho da ruindade". Dizia em língua nagô, o que dava à frase uma fôrça ainda maior de verdade. Mas Antônio Balduíno constatou que o ôlho da piedade podia ainda brilhar sôbre o mundo quando todos os pobres, negros, brancos e mulatos, se unissem para a conquista da felicidade.

Teve um caso de amor. Muitos casos de amor, poderiam dizer, pois foram muitas as mulheres na vida dêsse negro baiano. Foram muitas e êle foi bom para com tôdas: cordial e simples, era o macho desejado das mulatas, das cabrochas, das negrinhas do areal. Mas seu amor foi um só, a branca Lindinalva, e a ela êle foi fiel durante tôda a vida e depois da morte. As peias que dificu'tam o amor entre

negros e brancos eram as peias que impediam a felicidade do negro Baldo. Contra tôda a injustiça êle lutou, foi o herói do Mercado Modêlo no cais da Baía.

Nessa profissão de romancista, da qual vivo e que é a única que possuo, tudo mais — jornalismo, artigos, crônicas — sendo acessório, a grande alegria está no momento de escrever o romance, de ver levantar-se, nascer, crescer, libertar-se das mãos da gente, os personagens. Mas há outras alegrias também. Por exemplo: certa vez ia eu, há uns quatro ou cinco anos, com amigos, pela feira de Água dos Meninos, na cidade do Salvador. Estava de passagem e revia a feira como uma festa, onde inclusive o negro Balduíno exhibira seu urso domesticado em companhia do Gordo. Bebíamos água de côco com cachaça quando ouvimos num grupo próximo (seriam turistas?) alguém apontar um imenso negro de sapatos vermelhos e camisa riscada e dizer:

— Olha o Antônio Balduíno...

Era um homem que falava e queria de uma delgada e inesquecível jovem loira a confirmação da parecença:

— Não parece direitinho?

Os olhos da moça pararam sôbre o negro, que a fitou também com seu sorriso aberto e claro.

— Onde estará Lindinalva? — disse ela.

E logo compreendeu pelo sorriso do negro que ela era a própria Lindinalva surgida de repente.

Outra vez ia eu pelas ruas afanosas de Buenos Aires. Era em Florida, se não me engano. Alguém que ia comigo chamou-me a atenção para o diálogo de dois homens, dois argentinos desconhecidos, que andavam na nossa frente. Discutiam o negro Antônio Balduíno; um levava na mão um exemplar da tradução espanhola do *Jubiabá*. Outros casos assim poderia contar. São êles que fazem a alegria dos romancistas. Não os elogios cara a cara, difíceis de receber, não certas admirações

que mais parecem bajulações e que nunca se sabe se são sinceras. Essas histórias com os personagens, essas coisas das quais não participamos, isso sim, alegre e conforta.

Mas a alegria maior é mesmo a de criar. Explicar é que é difícil. Como nasceu o negro Antônio Balduino na minha imaginação? Como cresceu pelas páginas do livro, como ficou independente, senhor do seu destino? Nem eu mesmo sei. Sei que o livro eu o escrevi rapidamente, precisava com urgência de dinheiro, tinha que atender à saúde precária da minha filha pequenina. Sabia dos negros, era conhecedor dos seus mistérios no coração de macumbas da Baía. Sabia da sua dor, das suas limitações de liberdade; sabia também que o problema de raça estava superado pelo problema de classe.

Evidentemente pensei no negro Vicente quando comecei a falar sobre Antônio Balduino. Esse negro Vicente nasceu malandro, mas teve que trabalhar algumas vezes na sua vida. Dez anos depois eu novamente pensaria nele, agora ajustando-o muito mais às suas verdadeiras dimensões, ao levantar um personagem secundário no *São Jorge dos Ilhéus*: o negro Roberto. Porém não foi apenas Vicente que se transformou em Antônio Balduino. Há um pouco de muita gente: infância de uns, adolescência de outros, há até um *boxeur* que foi célebre na Baía e tinha o nome de Euclides, o Psicólogo. Dessa mistura, desse amálgama foi surgindo o negro Antônio Balduino, e quando eu me dei conta fazia ele o que bem entendia nas páginas do livro. Por meu gosto, confesso, não olharia ele com olhos de desejo para certa negrinha cuja mãe morrera nas plantações de fumo, na sentinela mesmo em que velavam o cadáver da velha. Queria eu que Antônio Balduino revelasse ali melhores sentimentos, mais nobres, fôsse um Dom Quixote para a órfã cobiçada pelo capitaz Juquinha. Mas, ah! falava alto o desejo no negro, os sentimentos ruins superaram os bons e, se ele esfaqueou o outro, foi porque queria a menina para si. "O olho da piedade fechou,

ficou só o da ruindade." Gostaria também que ele, quando Rosenda Rosedá o traiu, tomasse uma atitude mais violenta, brigasse, partisse caras. Ele pouco ligou para a traição da cabrocha, pareceu-me mesmo meio frouxo. Coisas de um negro inquieto, tantas delas sem explicação possível.

Não é possível explicar. Recordo que certa vez subíamos, num dia de muitas preocupações, um elevador no centro da cidade do Rio de Janeiro, e Samuel Wainer de súbito me perguntou:

— Uma coisa que há muito tempo desejava que você me explicasse era porque o velho Francisco, do *Mar Morto*, odiava tanto aquele irmão que aparece inesperadamente em casa de Guma, certa vez...

Recordei o episódio. Um parente do qual ninguém sabia nada apareceu certa vez em casa de Guma, e o velho mestre de saveiro Francisco, tio de Guma e irmão do visitante, o expulsou imediatamente, sem dar jamais explicações do fato. Confesso que eu também não sei as razões que tinha o velho, e hoje esse acontecimento me preocupa tanto quanto preocupava a Samuel Wainer naquele então.

Porque são assim mesmo esses personagens e muitas das coisas que fazem não as explicam eles aos romancistas. Se estão vivos, levantados no livro, então fazem sua vida por conta própria, vão andando por aí, recusam-se a determinadas coisas, obrigam-se a outras, a gente vai apenas escrevendo, registrando.

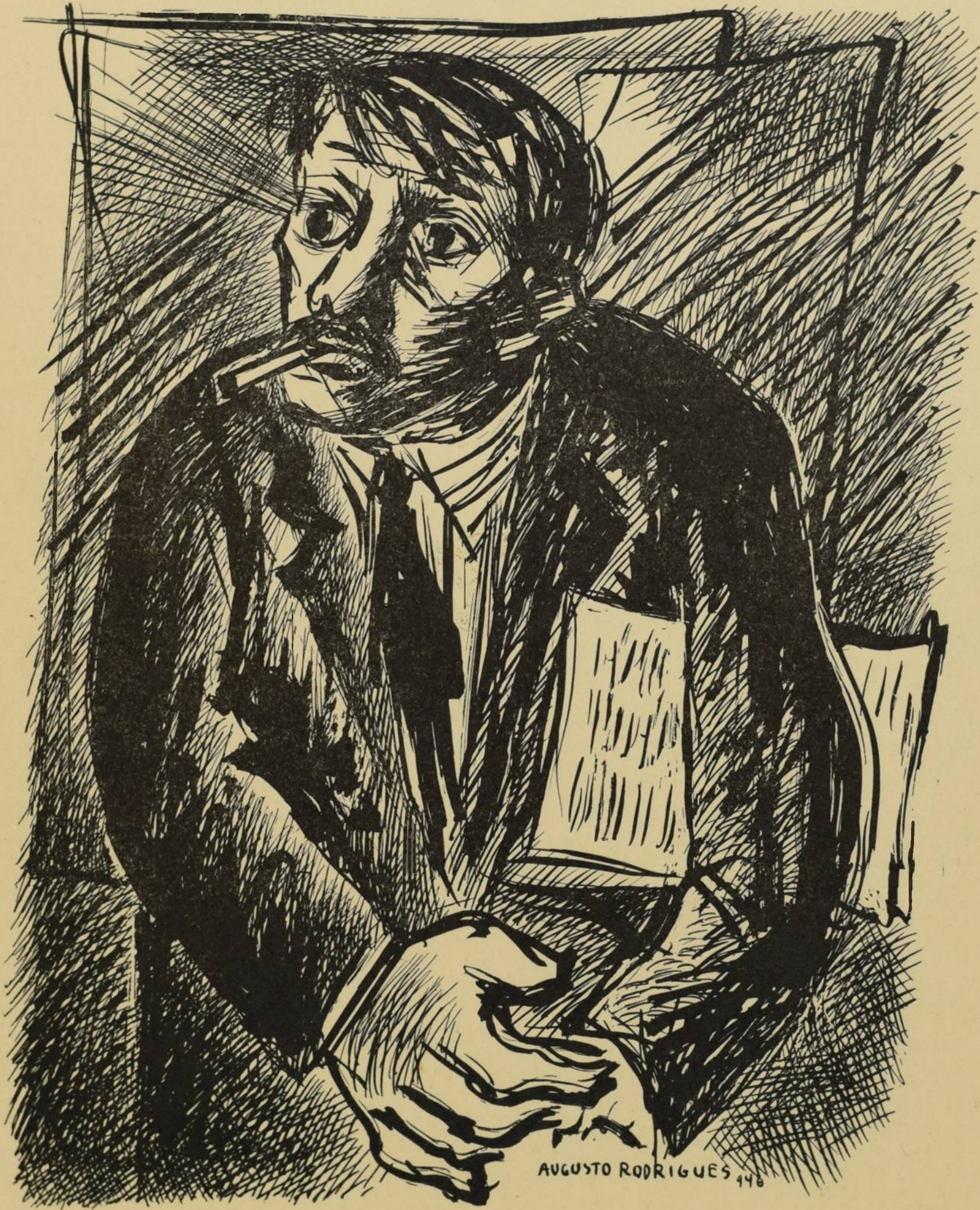
Assim também o negro Antônio Balduino. Por que teria sido que, já no fim do livro, quando grandes acontecimentos o agitavam, quando novas e amplas perspectivas se rasgavam em sua frente, quando descobrira que os pobres todos eram seus irmãos, que o trabalho é uma escola de luta, por que na noite do cais, pouco antes de dar adeus a Hans, o marinheiro loiro, por que pensou divisar no mistério do pôrto aquele equilibrista do circo

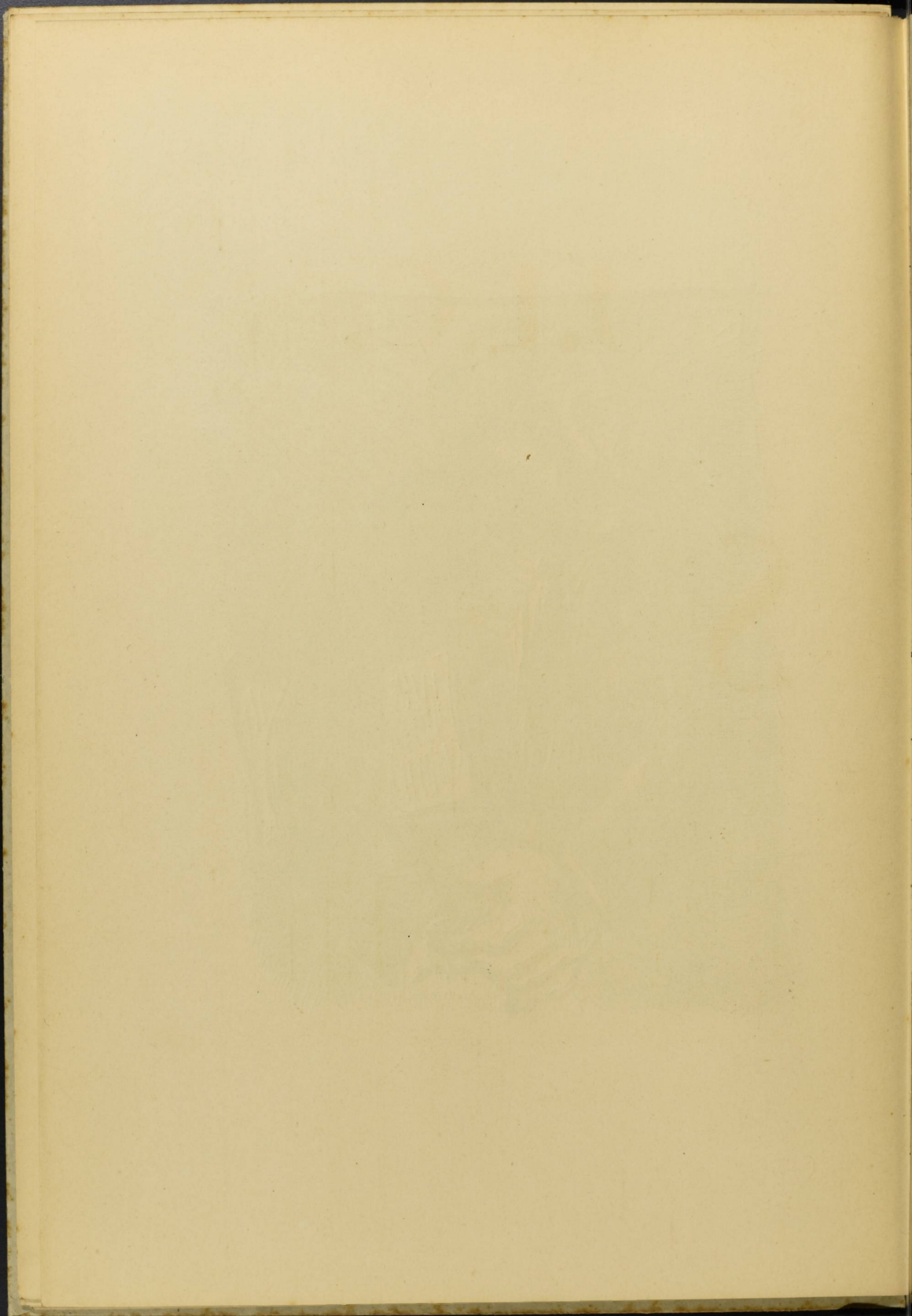
chamado Robert, que apenas passa no livro?
Que sei eu...

Que sei eu dêsse negro Antônio Balduino
que anda vivendo por aí? Que sei eu de todos
esses personagens dos meus romances, homens
e mulheres, pobres e ricos, negros e brancos,
Guma e Lívia, Rufino e Esmeraldo, Juca Ba-
daró e Margot, o capitão João Magalhães e
Don' Ana, Sinhô Badaró e o coronel Horácio,

Sérgio e Julieta, Raimunda e Antônio Vítor,
Linda e o Pega-pra-Capá, o Gordo e Rosenda
Rosedá, Jubiabá e Viriato, o Anão, Pedro Bala
e Dora, o Gato e o Sem-Pernas, o negro Da-
mião e o negro Honório, Paulo Rigger e José
Lopes, a moça de azul e o homem de anelão
falso? Dêles não sei senão que são um pouco
da dor, das lágrimas e também da esperança
da minha gente, da minha terra e do meu tempo.







J.L.C.

JOSÉ GERALDO VIEIRA

SE devo confessar como *nasceu* um (qualquer) dos personagens dos meus romances, o melhor será, como antes de tôdas as confissões, fazer um esquema e um exame de consciência.

Escrevi, até agora, quatro romances: *A Mulher que fugiu de Sodoma*, *Território Humano*, *A Quadragésima Porta* e *A Túnica e os Dados* (êste último ainda no prelo).

A Mulher que fugiu de Sodoma, conquanto denso, tem demografia de mera novela, apenas dois personagens sendo totais, Mário e Lúcia, os outros (a tia Marta, a baronesa de Sincorá, o Segundo Clichê, a Pervanche, Sérgio, o Imediato, Teodósio, etc.) mais não sendo que suportes e alçapões para frenar ou exacerbar os desregramentos de Mário. Talvez interesse aos leitores dizer-lhes eu que Mário é uma deformação dum amigo meu, de vida real, o Vitório, filho por sua vez duma conhecida minha, a baronesa de Ibiapaba (que no livro tem o título de baronesa de Sincorá). Tudo o mais, é inventado, mesmo que Lúcia, Pervanche, Sérgio e o Imediato possam parecer *criaturas viventes*.

Não sei donde as tirei; talvez do duplo contraponto Rio-Paris, que, êsse sim, é real como *background*. Teodósio claro é que não passa de símbolo, sendo a personalização nem eu sei direito se da Graça, ou se da Raça.

Território Humano tem sua razão de existir na publicação mesma de *A Mulher que fugiu de Sodoma*, pois Adri, personagem lírico, continuado depois em *A Quadragésima Porta* com o nome de Jandira e ressurgindo no meu futuro livro, *A Mão na Aldraba*, com o nome de Plurabela, não teria nascido (existido para mim) se eu não tivesse publicado o meu primeiro romance. De leitora dêle se transformou em personagem do seguinte, *Território Humano*.

O personagem masculino, claro está que sou eu próprio, meio interpolado, sem ter havido sequer necessidade dum heterônimo. Todavia, na primeira parte, infância e juventude, quase tôda a galeria de personagens (principalmente companheiros de internato) é inventada. Eu próprio, como personagem, me deformei muito, em narcisismos de que me arrependo hoje tardiamente. Adri, heterônimo duma criatura real transplantada realmente para o livro e nêle colaborando intensamente (guardadas as re-

servas que a vida e a morte impuseram), foi verdadeiramente no livro o reflexo do que em vida foi. Tanto na figura humana, no caráter, no temperamento, na força lírica, como nos conflitos de consciência, apesar de ambos (eu e ela) termos tentado máscaras e disfarces buscados tanto em Daphnis e Chloé, como em Peléas e Mélisande. Sobreviveu ao livro mas, continuada, depois, em *A Quadragésima Porta*, morreu sem o ver acabado e ainda com o título provisório de *Memórias dum Anjo-da-Guarda*, título de que não gostava absolutamente. Orientou muito a trama de *Território Humano* e, mais tarde, me delineou, com conselhos e ponderações, o itinerário de *A Quadragésima Porta*, em que confiava veementemente. Creio que os leitores dêste último livro terão notado que Jandira (sempre Adri!) sobrepaira no livro, como irrealidade de sonho. Ou como prêmio que aquê mundo de Michael, mundo acabado, não merecia vir a possuir. Essa mulher que um dia entrou pelos meus romances a dentro, como constante lírica e sôbre-humana, nêles perdurará, já agora que é morta. Plurabela, de *A Mão na Aldraba* (que estou escrevendo), é um heterônimo dos outros heterônimos Adri e Jandira. E creio que outros surgirão, gradativamente, se houver TEMPO...

Isso de, da vida real e secreta, eu a ter homiziado no recesso do *Território Humano*, na última das Quarenta Portas e, afinal, no Patusan paulista onde se passa a ação de *A Mão na Aldraba*, viva no primeiro, viva e morta na *Quadragésima*, em estado virtual de Daphne Adeane em *A Mão na Aldraba*, claro que não é assunto público para devaneios, pois respeito muito a minha amarga saudade.

Amarga saudade que trituro todos os dias e tôdas as noites, ouvindo a memória da sua voz que, qual GYMNOPIEDIE 1 e 2, em solo quase que só de oboé, não se cansa de, lá da eternidade, me repetir duas frases: "*Eu sou o anjo-da-guarda, a musa e a madona!*" e "*Deus nos tendo reservado para alguma cousa de melhor!*"

Realmente, em vida e nos livros onde a resguardei, ela foi sempre uma criatura bífida, uma espécie de desenho de Blake, se dividindo ora em força lírica baudelairiana, ora em verdadeira Alissa de *A Porta Estreita*.

A Quadragésima Porta é o meu único romance onde foi previamente estudada uma planificação temporal e geográfica rumando para um sentido ecumênico. Se *A Mulher que fugiu do Sodoma* é uma rotação de poucas vidas em torno do sacramento do matrimônio; se *Território Humano* é um drama introspectivo de seres em lirismo agudo girando antisciamente ao redor do compromisso e da consciência, já *A Quadragésima Porta* tem (ou teve) a pretensão dum ciclo da época contemporânea, e tarde foi que me dei conta de sem saber haver CONTINUADO *Os Thibaults* de Roger Martin du Gard. E' que, à medida que vamos melhorando o nosso artesanato e sofrendo influências, vamos, nós os romancistas, atingindo *confluências*. Eu, no primeiro livro, me saí bem no episódio que lhe serve de perspectiva. No segundo já descí a dédalos psicológicos e estéticos. No terceiro dei tôda a minha capacidade, por fora e por dentro, e quase que *A Quadragésima Porta* me saiu um "ATLANTIQUE". Agora, em *A Túnica e os Dados*, tento remodelar minha banca de artesanato, untando com poesia uns bonecos tipo *tortila Flat* e pretendendo ter aberto nova vereda à novela, meu tratado propedêutico, para isso, tendo sido ULISSES, de Joyce. Mas se eu, cândidamente, confessar que tudo, na *Quadragésima Porta*, foi inventado, delirado, apanhado em estado de "revelação", cuidareis vós, leitores, que estou trapaceando! Mas é a pura verdade. Só a pauta histórica, como latitude e longitude, é que dá àquilo tudo uma verossimilhança temporal e humana.

Qual, pois, o personagem meu que aqui deva ser explicado, já que um decôro íntimo e sacrossanto me obriga a fechar Adri, Jandira e Plurabela de encontro ao coração, como

aquêle leque fechado e quieto do verso de Mallarmé?

Creio que o mais interessante, por sua singularidade — e por não ser mentira como parece ser quando eu lhe disser o nome — seja Cássio Murtinho. Se bem se lembram, é o terceiro personagem (como acabamento) de *Território Humano*. Comparado a todos os demais personagens de meus romances (romances onde eu apareço em *doubles*, e em heterônimos diversos, mercê de complexos e de cartazes), Cássio Murtinho parecerá o UNICO inventado. Sua presença, sua reação, sua unidade, sua humanidade contraditória, sua filiação dostoiévskiana, suas tiradas a Nietzsche, sua insânia, sua psicose, tudo nêle tem características de símbolo preparado, ora como análise, ora como síntese, nunitíssimas vêzes como antítese. Aqui, porém, categòricamente declaro e confesso que Cássio Murtinho é o único personagem inteiro e verídico de quantos há em qualquer e em todos os meus romances. Adri e Jandira, bem como a futura Plurabela, tive e tenho que as deformar e esgarçar de tal modo que sobreparem nos romances como poesia bremondiana pura, transubstanciando-as em verônicas líricas que enxuguem as minhas vicissitudes reais e espirituais. Eu próprio, quando me transfiro para personagem, burguêsmente, ou esnobemente, me deforme, por mais que isso irrite o que em mim há de sinceridade exilada no Lord Jim em que me transformei últimamente. Mas Cássio Murtinho está intacto, real, com a sua fôrça humana e com a sua loucura. Foi por isso mesmo que, decerto, o pus em *Território Humano* para atrapalhar a *identidade transfigurada* de Adri. Foi, talvez, o único meio que arranjei de tirar Adri do primeiro plano, como em orquestra se tenta anular a beleza e o milagre dum violino com os vieses dum contraponto bárbaro. (Subterfúgios de confissão e ao mesmo tempo de tentativa de desfiguração!)

Era eu ainda estudante de medicina, no Rio, quando, aí por volta de 1915, vim a conhe-

cer J. L. C., um nortista do Rio Grande do Norte com aquelas características mais diédricas possíveis do nordestino: uma voz aberta, cantante, ora ventríloqua, ora de empostação nasal; uma cabeça que parecia a daquele Esopo que Velasquez pintou, cabeça dura, grande, estranha, zangada; e um caráter a tôda prova. A “ligação” ou, como se diz hoje, a “tarefa” que nos uniu, foi a Literatura. Cinscunstâncias diárias eventuais nos foram aproximando, no Garnier, no então Café Belas-Artes, e diante, por exemplo, do Clube de Engenharia, ora sòzinhos, ora em rodas. J. L. C. optou por mim, entre tantas amizades e conhecimentos, e passou a tecer uma gradual intimidade que era até paradoxal e sem propósito aparente, pois eu era um estudante filho de família grã-burguesa da Tijuca, e êle não passava dum pobre revisor de jornais que pagam com “va'es”. Começou a me ler uns sonetos onde a sintaxe, o léxico e as idéias eram tão extravagantemente dispostos que só encontrarei semelhança num outro louco genial, Sá-Carneiro, suicida de Paris. Mas os sonetos de J. L. C., escritos em abas de carteiras de cigarros e em beiradas de jornais, em quantidade incrível (compunha doze, vinte por dia), êle não os declamava. Largava-os para cima de mim, como se êle próprio fugisse de brasas. Recitava-os como quem profere um edito. Ou como quem lança um anátema. Ou como quem esbruga nas unhas roídas um aerólito! Andava de prêto, o chapéu e uns jornais na mão, e tinha o tique de passar a outra mão pelos cabelos, na testa asiática, torcendo-os convulsivamente. Principalmente se lhe dava a “louca”! E isso lhe dava sempre. Era o seu estado o de transe permanente. Política, safadezas, pseudoliteratos, discursos na Câmara, telegramas da Europa, questões de repartição pública, artigos de descompostura mútua em jornais, a Grande Guerra, tudo o incendava. Para a humanidade inteira só conheceu ÓDIO. Para mim, só dedicou amor. E a tal ponto que, por fim, transmudou êsse amor em ódio mortal.

Era um bárbaro rondando a Acrópole. Um Nietzsche exilado em Sil-Maria vendo em mim Veneza ou a Basílica Ulpia. Autêntico bárbaro mongólico, hirsuto, beirando a genialidade e a loucura. Jamais vi sujeito que tivesse duas vidas para dois fins opostos, como êle. Para o mundo, era um Kirillof; para mim, um Príncipe Muischkin. Odiava o êrro, a tramóia, a hipocrisia, a acomodação, a politicalha, o falso valor, o chantagista intelectual, o cavador de situações oficiais; mas, diante de mim, andando comigo, almoçando comigo, me visitando, me ouvindo, me recitando toneladas de versos, tinha a doçura fraternal dum criado bem acolhido. Quando me conheceu, a sua cariátide de citações era Antero de Quental-Augusto dos Anjos. Nisso se apoiava como um molosso vertical em duas muletas. Quem o olhava, a gesticular nas calçadas, a embarafustar por um café a dentro, a sair duma roda como quem foge e não tolera ordinários, só podia ter duas impressões agudas e súbitas: ter êle perdido injustamente uma grande causa judicial, ou estar na aura dum ataque epilético. Eu lhe agravei muito a alma e o corpo, sem querer.

Foi o caso que só conhecendo êle Virgílio, Dante e Shakespeare, teóricamente, eu, sem querer, lhe fui mostrando outros marcos, através de citações: Goethe. Novalis. Byron. Shelley. Paul Valéry. Gide. Rimbaud. Rilke. Ouvia, iluminava-se, passava a mão boa e leal pela testa, apalpando lesmas de febre que lhe entupiam as veias salientes, pendurava as falanges nos cabelos, torcendo-os como bilros, inflamava-se e dizia, obtemperando:

— Mas eu já disse isso! Eu, sim, eu!!

E zás! empurrava-me um sonêto, uma estrofe, uma brasa, um aerólito, um chumbo derretido onde aquilo que eu dissera, citando Lessing, ou Kant, ou Fichte, lá vinha, em forma precursora, joãobatisticamente! E como aquilo lhe foi fazendo mal! Tamanho mal que nos cercou, a mim e a êle, dum arame farpado, em tal recinto não deixando entrar zoilo nenhum! E

então, aderiu a mim, dia e noite, na escola, no hospital, na rua, no café, em casa, e até na ausência!

Lá para 1918 me evadi dêsse campo de concentração onde as carcaças de Pascal, Hoelderlin, João Paulo, Da Vinci, Feurbach, Hugo, Barrès e Claudel fediam entre corvos como as vítimas, agora, dos campos de Belzen; e fui para a França, a Alemanha, a Inglaterra e a Itália, do meu pobre J. L. C. só me lembrando uma vez única, creio que em Toledo, ou em Burgos (que, uma ou outra, se pareciam tanto com êle), e lhe escrevi umas fôlhas que passou a guardar como se aquilo fôsse uma lasca da parede ou do teto da Capela Sistina!

Quase quatro anos depois, voltei. Logo topo com êle, de jornais e de chapéu na mão, por uma dessas calçadas do Rio de Janeiro, êle, o J. L. C., ainda e sempre de prêto, misantropo, casto, paranóico, as veias salientes na testa, os cabelos lhe servindo de argolas para os dedos e os proparoxítonos, as mãos zurzindo a canalha, os olhos de descendente de holandês procurando no ar, talvez, uma nuvem que se parecesse com Spinoza, ou Erasmo! Que emoção, a dêle! E, por que não dizer? que emoção a minha! Semanas, meses, e êle a me ler sonetos que me eram de compreensão mais difícil do que qualquer das *Elegias* de Rilke! E eu me vingando a lhe falar em museus, em telas, em esculturas, em ruínas, em Paris, em Clermond-Ferrand, em Heidelberg, em Roma, em Dresden, em Assis, em Florença, em Giotto, em Cimabue, em Rafael, em Marinetti, em Cocteau, em Van Gogh, em Briand, em Lenin, em Gauguin, em Picasso! E ouvindo, marasmado, J. L. C. a delirar, suspenso, caminhando sôbre um tapête mágico!

Casei-me. Fui tendo filhas. Uma, duas, três, quatro. E J. L. C. pobre, sem consentir num emprêgo público, sem aceitar dinheiro, nem roupa, nem conselhos e nem mesmo uma simples observação a um dado verso, a mandar lá para a minha casa na Tijuca, malas com cadernos de poesias. Malas e malas. Ao cabo de alguns

anos, em cima da minha garagem só havia malas de versos de J. L. C. Um dia me disse com uma reserva de estátua mutilada, e com o orgulho dum púrpura que algum mastim rasgasse, que o Hermes Fontes, como já fizera o Gomes-Leite, o andava plagiando. Ao dizer isso a boca amarga e o olhar cômico de fel se uniram numa expressão que não esqueci.

Mas não voltou jamais a tal assunto, do qual não tirei conclusão alguma. Rente a mim, colado a mim, dia e noite, pela cidade, só aos domingos ia almoçar comigo à Tijuca, levando mais versos, de uma hermenêutica quase que à Rosa-Cruz. Mas, no vestibulo de minha casa, sob o lustre Carolean e entre os móveis Chipendale, brincava, como cavalo, de quatro patas no mosaico para que a Luísa-Cândida ou a Rosa-Ermelinda brincassem sobre aquêlo dorso de Pégaso-Quasímodo.

Mesmo quando eu queria ser planamente homem só, apenas médico, êle, J. L. C., não deixava, pois andava a me provar a sua consanguinidade com André Suarès ou com Brandes, ajuizando o que eu escrevia e lhe mostrava. E provando a sua cooptação ao espírito de gênios, superpondo frases de Lessing ou de Stuart Mill a versos seus. Até que...

Até que, de repente, passa a entristecer, aquela fornalha como que parada num desvio; e me diz taxativamente, de súbito, um dia, que ia embarcar para Bauru, que ia se empregar nos escritórios da E. F. Noroeste do Brasil. Ofereci-lhe o emprêgo de meu secretário-perpétuo. Ah! Olhou-me de alto a baixo, como Cristo deve ter feito com Judas no Jetsemani; despediu-se e... sumiu.

Não soube dêle durante anos. Nem mais lhe vi aquêles sonetos que publicava em revistas e em jornais e cuja demora de publicação o punha em brasa, cuidando-se boicotado por trantantes e invejosos. Anos depois, afogueado, com um estranho fulgor nos olhos cômico de bile, a boca mais amarga, me surgiu enviesadamente, trazendo na mão já não mais jornais nem o cha-

péu, mas uma incrível papelada. Todo um processo administrativo. Estava processando, arrasando o diretor da E. F. Noroeste do Brasil. Leu-me fôlhas e mais fôlhas de papel-ofício, com requerimentos, arrazoados, o diabo. E me explicou uma trapalhada, gaguejando, passando a mão pelas veias e pelos cabelos daquela fronte de Esopo de Velasquez. Meteu-se dias seguidos no meu escritório, apossou-se da Remington, levou a matracar, a matracar. E assim continuou. A Revolução de Trinta foi para o espírito dêle um fole aivando a chama dum maçarico. Mandava telegramas ao José Américo, ao Presidente Vargas, à Liga das Nações, ao Tribunal de Haia, a ministros do Supremo, a juizes, a desembargadores, a Gandhi, a Roosevelt, a Romain Rolland, "estivessem onde estivessem". No Ministério da Viação tinham paciência com êle, mas investia, embarafustava, descompunha contínuos, agredia amanuenses, tinha um desdém oblíquo para com os oficiais de gabinete. Voltava a mim, lia-me aquela estrumela tôda, um grande fogo de ódio e de purificação a lhe pôr na cabeleira labaredas de insânia. Arrastei-o a médicos, fiz que se submetesse a reações de tudo, a regimes, e anuía, como um cordeiro. Mas, no dia seguinte o anho era um leão, uma hiena. E eis que, certa noite, já eu deitado, me batem à porta, na Tijuca, como num rebate de incêndio ou de catástrofe. Era J. L. C. Viera, conforme disse textualmente, "matar quem amava". Antes de lhe abrir a porta já eu vira através do cristal a chama de delírio das suas pupilas fraternais transformadas em íris de Caim.

E, depois, quando passou por mim, entrando, lhe vi o relêvo que o revólver (uma *Colt*) lhe fazia no bôlso traseiro da calça puída. Sentou-se, tornou a dizer (e era tal e qual um Rogoshim, ou um Kirillof! desgrenhado, suando, as mãos sem parar, a boca tôrva) "que precisava matar quem amava".

Fiquei firme. Então saiu, fêz sinal para dois sujeitos lá fora (dos quais eu não me dera

conta) e lhes disse que entrassem “houvesse o que houvesse!” Eram dois marçanos que não sei como nem onde descobriu àquelas horas. E ao mesmo tempo vi que três táxis estavam parados no meio-fio da minha calçada na Muda da Tijuca. Com êles (os marçanos) foi para os altos da garagem. Estava fechado aquilo. Voltou e em silêncio me fêz o sinal de que “fôsse abrir”. Revistou as malas (mais de doze ou quatorze), verificou se tinham sido “forçadas”, meteu uma por uma as chaves, procurando-as com grande confusão de gestos e ruídos; algumas tinham cadeados, outras estavam amarradas com cordas! Dessas então desconfiou, lançando-me um olhar que perdoava e que desesperava. Lá foram as malas escadas abaixo, uma por uma, para os três táxis, às tantas da madrugada.

— Que é que há, meu velho? Arranjaste quarto? Vais para fora?

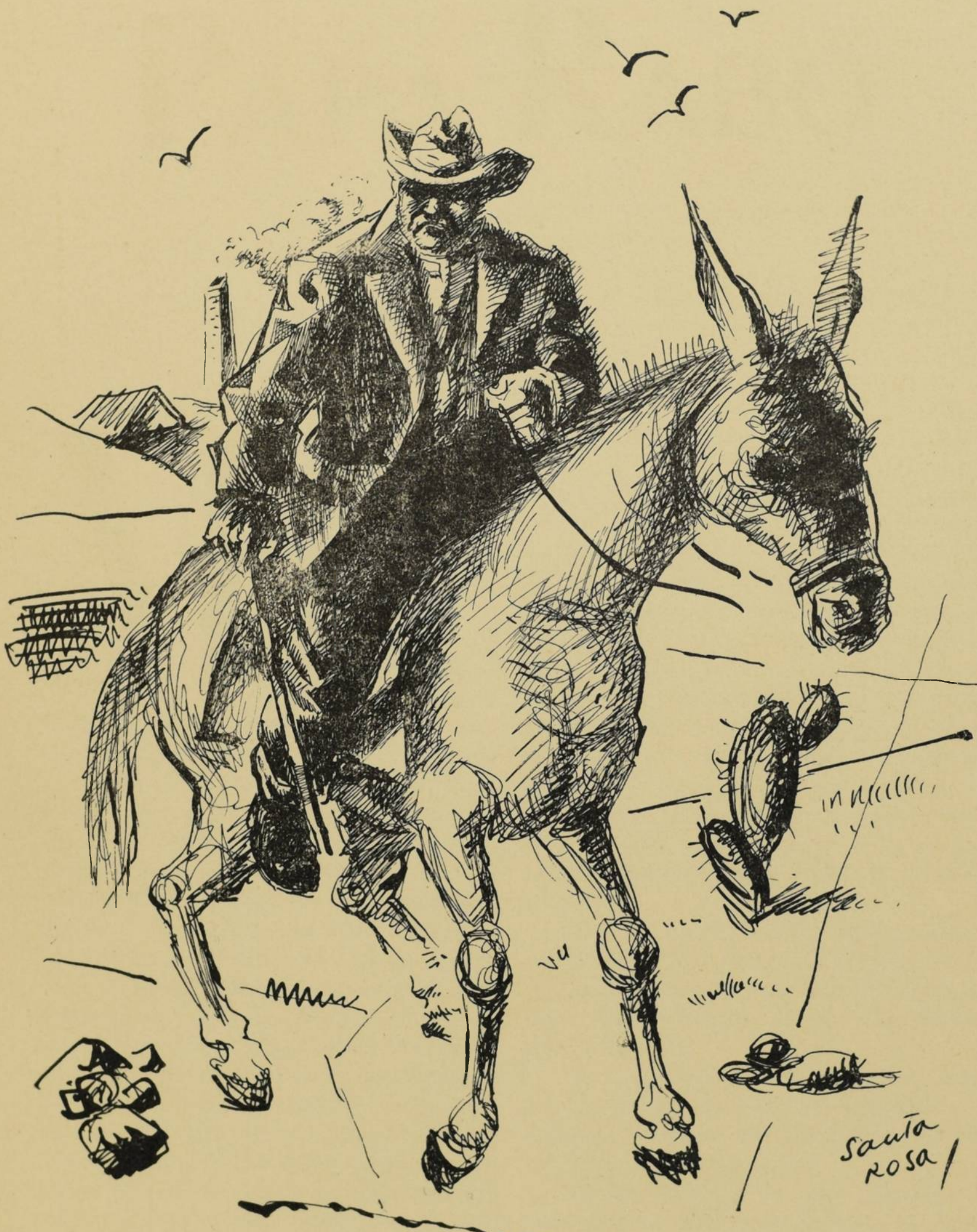
Em resposta, reentrou no vestibulo, percorreu os retratos da criançada, olhou os móveis, despediu-se de mim com um silêncio confluyente, concêntrico, onde havia a decepção marasmada de todo um mundo íntimo destruído instantaneamente! E, para sempre, foi embora. Abolou-se no último dos três táxis, os dois carregadores, cada qual num dos demais carros, velando os trastes que lá iam para um desses quartos-mansardas da rua Acre ou da rua do Resende, onde êle, J. L. C., desde que viera do Nordeste, vivera em miséria orgulhosa e trega.

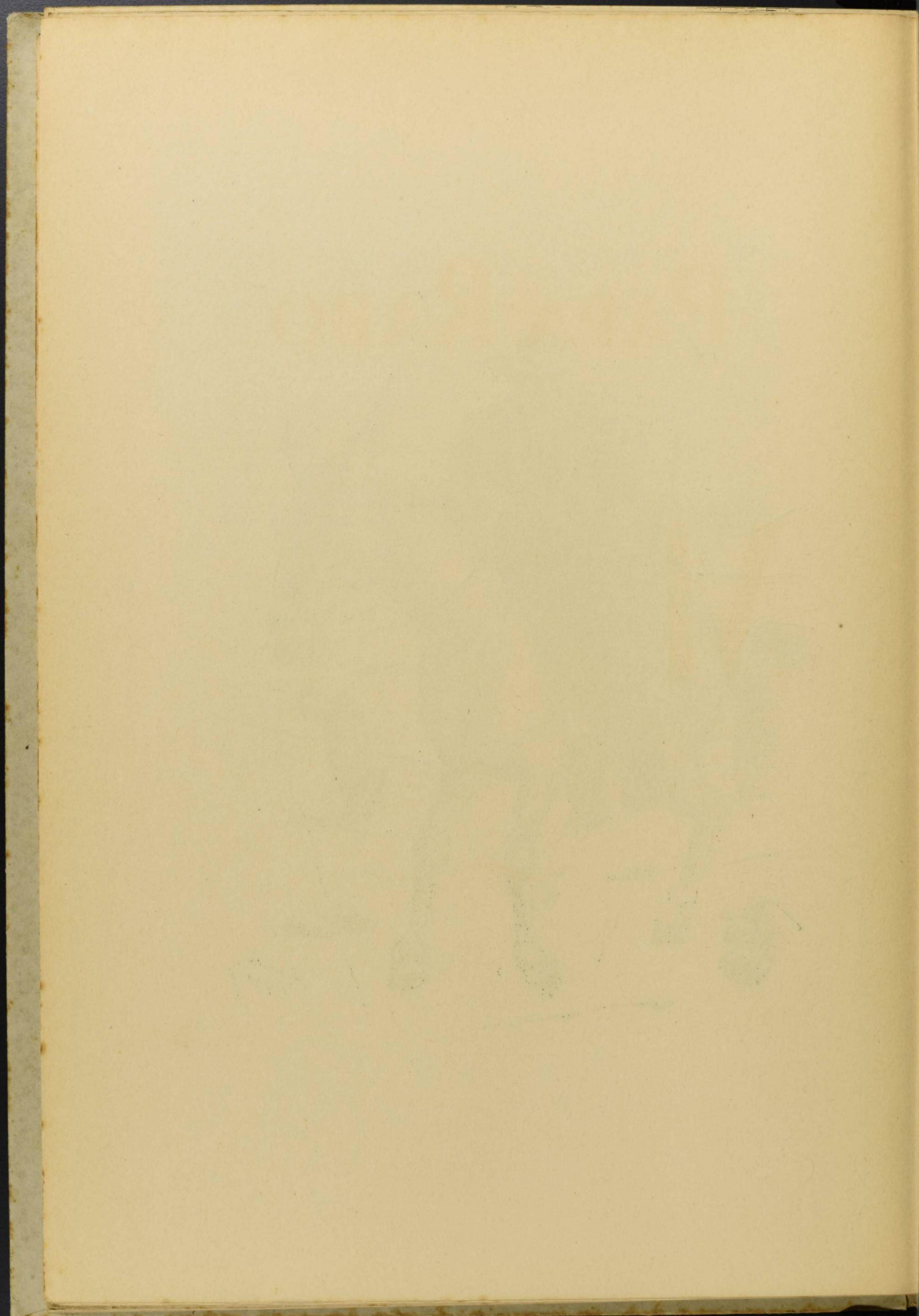
Subi, deitei-me, acendi um cigarro, fiquei pensando, pensando, o coração a crescer.

Para onde foi J. L. C.? Não sei. Nunca soube direito, por mais que procurasse e indagasse no Rio e no Norte. Nunca mais o vi. A não ser como personagem dum romance meu. Como me entrara pela vida a dentro, assim entrou pelo *Território Humano*, como um Nietzsche sem bigodes e sem Wagner, mas com cento e tantos cadernos de poesia, com toneladas de delírios, com ódio, com amor, com perdão, com santidade, com loucura, e ainda hoje não sei porque o pus como personagem do meu romance. Talvez por ser tão meu amigo e merecer atrapalhar a verídica Adri, também desfigurada propositalmente no romance. Assim como as linhas geométricas da escola cubista marcaram a essência mesma de todo o cromatismo sintético e apaixonado duma figura bem-amada. Ou como um leão defendendo uma donzela. Ou como a loucura mascarando o amor.

Adri, eternamente ausente, veridicamente morta hoje, não o tendo conhecido senão como personagem, talvez agora, lá nas *Moradas* desse *Território Sobre-humano*, o ature, e lhe queira bem, como eu que a ambos procuro neste vale que os dois, em certo tempo, transfiguraram em patamar dos itinerários que ainda percorro atônito, sem saber o que me oferecem ou o que me negam.







PAPA-RABO

Yru' lru' d' Negro

MUITA gente me pergunta: "Esse Vitorino Carneiro da Cunha existiu mesmo?"

Respondo que sim, que existiu um Vitorino Carneiro da Cunha. E para me certificar da minha afirmação eu passo a comparar aquêlê que existiu com aquêlê que existe no meu romance. Comparo e analiso as duas criaturas, a de carne e osso e a da ficção, a que a minha imaginação pariu em conluio com a memória. O que roubei eu da realidade e o que acrescentei à realidade? Eu mesmo não sei dizer com tôda a segurança. O herói triste e heróico do meu romance, o bravo capitão, talvez que superasse o seu original. Mas eu quando escrevia os seus feitos e as suas aventuras e desventuras, tinha-o ante os meus olhos, no melhor que a memória me podia oferecer: a cara gorda e amarela de opilado, o corpo banzeiro, as falas atrevidas, os gestos grotescos, e sobretudo aquela sua ira sagrada contra os poderosos. Via-o de tão perto que o engrandeci sem querer. E o fato é que o capitão, logo nas primeiras páginas do meu livro, ficou senhor da

narrativa. O romance passava a viver por sua causa. O romancista se enchera de tamanha submissão à presença do herói que deixava que êle agisse à vontade. Por mais de uma vez parou a pena para concordar consigo mesmo em que o capitão Vitorino abusava de seus direitos. Media os acontecimentos. E na manhã seguinte sentava-se à mesa com o propósito de cortar as intromissões do velho Papa-Rabo. E punhase a escrever, e a vida brotava de suas palavras, no correr da composição. E mal se domava de seus impulsos, quem é que êle via senhor de tudo, eixo dos fortes e alma da ação? O capitão com as suas brabezas, os seus gestos, as suas loucuras.

E o que sucedeu a mim, sucedeu também com o mestre José Amaro. A princípio o terrível mestre tolerava o seu compadre como um diabo. Depois Vitorino chegou a ser para êle uma providência.

As semelhanças do personagem do romance com o personagem que viveu podem não corresponder à verdade, mas são daquela realidade que é mais real do que o real.

Conheci Vitorino lá pelos engenhos de meus parentes. Era figura estimada, de parentesco distante, tido e havido como um louco in-

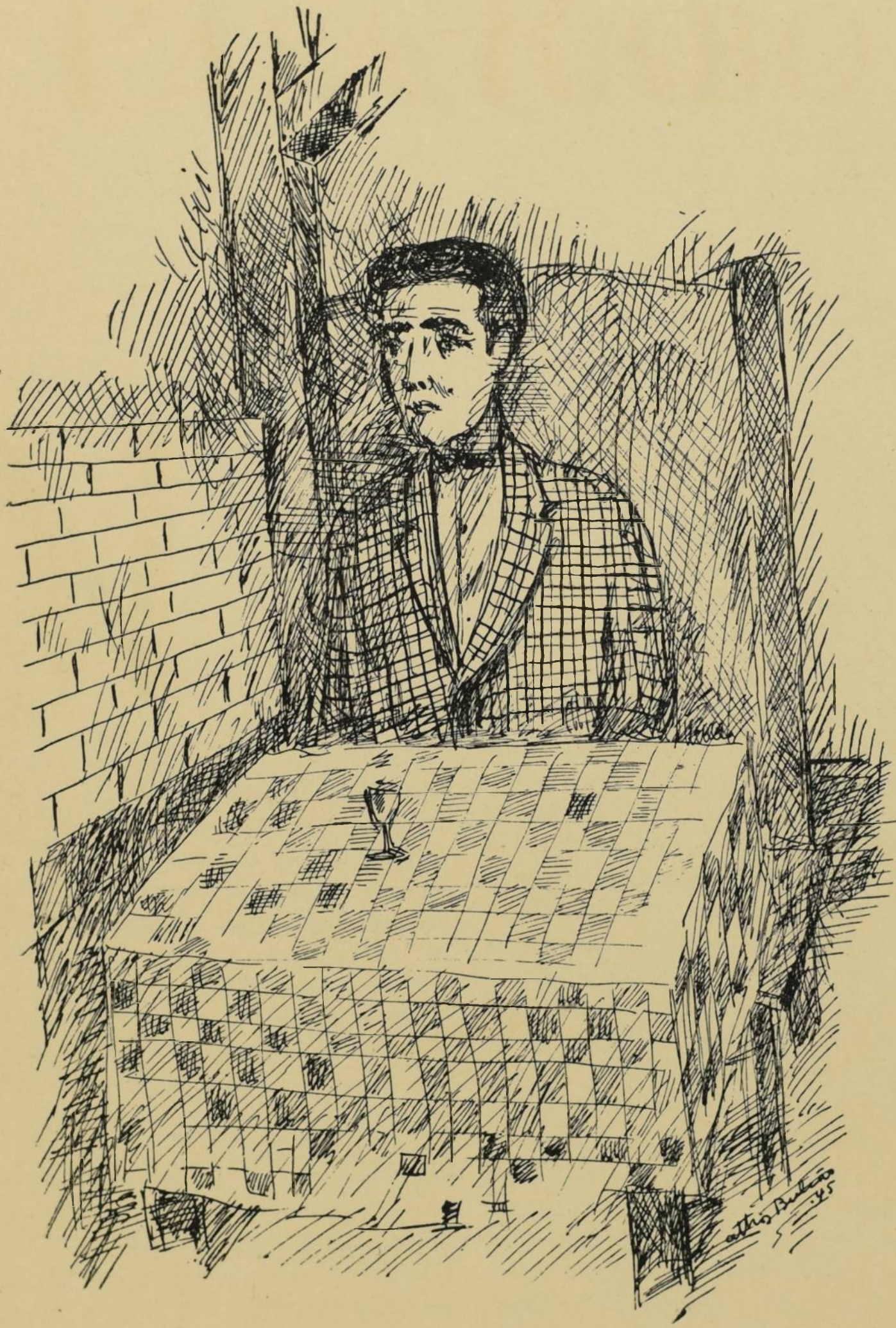
cente. Podia dizer o que quisesse, ter as palavras mais duras e os ditos mais sujos, que nada valia como agravo ou soava como desafôro. Sentava-se à mesa com os senhores e nunca pareceu um servil nem um adulator. Nós os meninos o tomávamos para as nossas impiedades. E fazíamos o diabo com o capitão. Aquilo de gritar pelo seu apelido era de todos os instantes. E de todos os instantes as palavras feias que lhe saíam da bôca, onde estivesse, na sala de visita, ou em frente a pessoas de cerimônia, ou no meio da cabroeira do engenho. Vitorino era de tôdas as classes, de tôdas as religiões, de todos os partidos. Mal sabia eu, que tanto o martirizei com os meus gritos e as minhas artes de menino, que êle viria me dar a oportunidade de conseguir, anos e anos mais tarde, tranformá-lo em herói de uma narrativa que só tem vida e interêsse por sua causa.

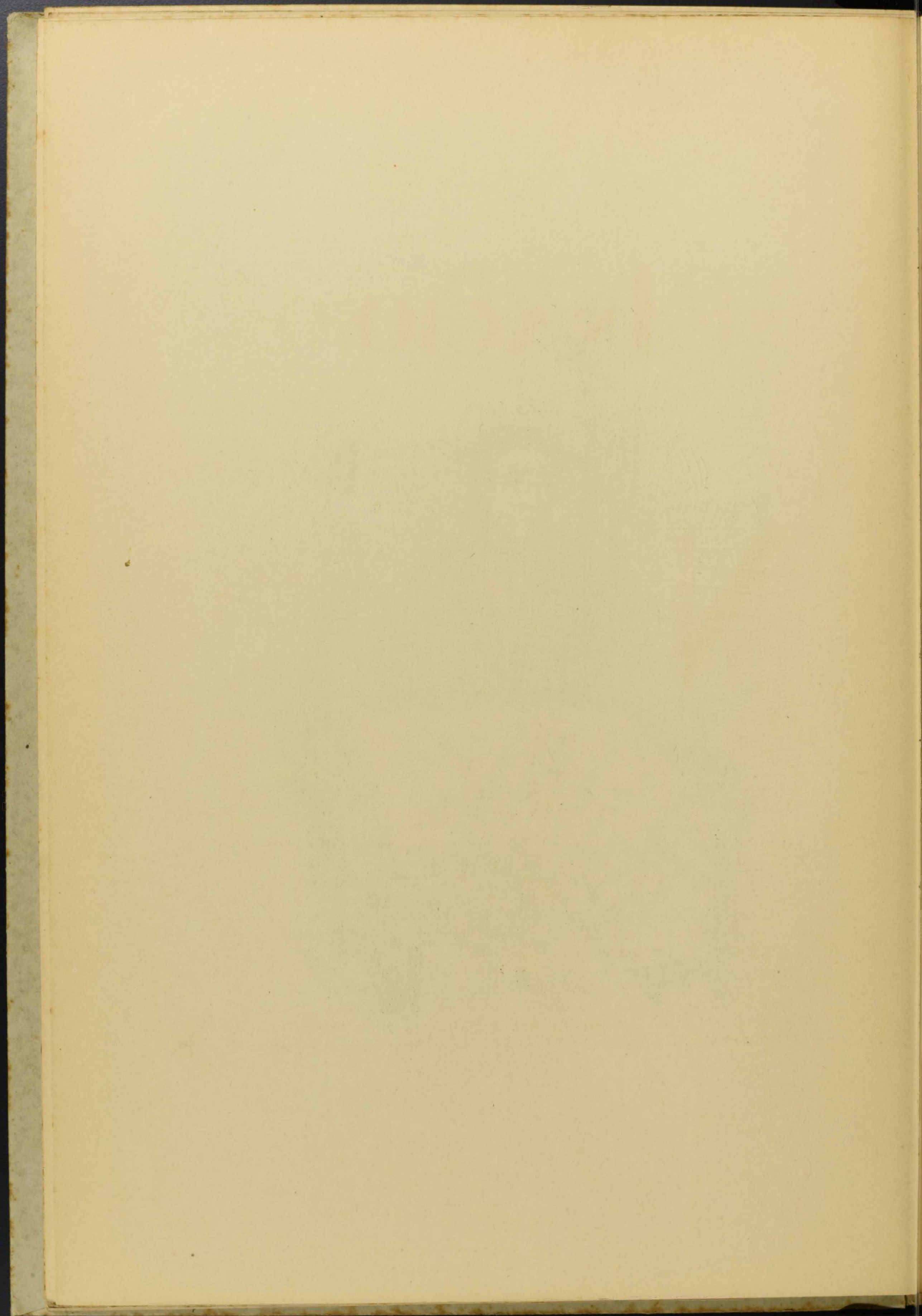
Ainda hoje o tenho na memória, naquela manhã em que apareceu, de cabeça raspada, de fraque, a falar como um doutor, convencido de que era mesmo o advogado dos pobres e de que botaria na cadeia todos os ladrões. Mal sabia êle que aquêle menino pálido, de olhar triste, que o olhava como a um palhaço, quarenta anos de-

pois o roubaria, da cabeça aos pés, com a voracidade de um salteador, para as páginas de um romance que se vida tem é a vida do capitão Vitorino Carneiro da Cunha.

E é esta vida do velho Vitorino que me obriga, em certos momentos de reflexão sôbre os meus romances, a tomar partido pelas coisas do mundo em que vivo. Muitas vêzes me encontro em situação de agir desta ou daquela maneira, e, sem eu querer, chega a figura do velho para me obrigar a medir ou falar. O insensato herói cria assim um poder de fiscal exigente de minhas ações. Então eu me volto para êle, quase que a temer a sua censura, a esperar o seu grito, a sua reprovação, o seu gesto. O que diria Vitorino dêste meu ato? O que pensaria Vitorino de um artigo, de uma atitude, de uma fraqueza minha? E me recolho com o meu herói, e começo a resolver os meus casos pela sua lei. O código de honra de Vitorino Carneiro da Cunha, que a muitos parecia de um louco, é bem uma lição de bravura, de integridade, de desprendimento.

E o bôbo de fraque e de cara gorda passa a ser um mestre da vida irredenta.





INÁCIO

Inácio Cardoso

NÃO me lembro de quando vi Inácio pela primeira vez. Sei apenas que foi há muito tempo, há tanto tempo mesmo que já estava perfeitamente familiarizado com a sua figura, assim que resolvi lançá-la através de uma novela. Inácio é um velho pesadelo de infância. Em muitas noites seguidas, enquanto o sono não vinha, sonhei com êsse singular indivíduo de casaco de xadrez, flanando em ruas que eu sempre imaginava limpas e bem cuidadas. Não sei de onde me veio essa sugestão; sei apenas que a tôdas as impressões de crime êle se achava misturado e que às histórias horripilantes narradas pelos jornais Inácio estava sempre presente. Se disser que sonhei noites seguidas com êsse tipo, que o via em crimes hipotéticos, sempre com a mesma roupa e a mesma atitude ostensiva, talvez não me dêem crédito. Mas, ainda que mal realizadas através dos romances, certas figuras não têm necessidade de crédito para serem reais. Nenhum dos esboços tentados por mim pareceu-me mais real, mais vivo e mais nítido do que Inácio. Tôda a

sua irrealdade vem do que nêle era fundamentalmente vivo, inassimilável pelo mundo comum dos homens. Pois Inácio, sempre tão presente em vários fatos absurdos da vida, é um personagem eminentemente real.

Estarei fazendo o elogio da minha própria obra? Só os tolos o acreditariam. Quero dizer que Inácio é um fenômeno comum em tôrno de certos fatos. Se quiserdes encontrá-lo, não será muito difícil, pois Inácio escolhe de preferência os aglomerados humanos, praças públicas e parques de diversões, lugares onde há música e folguedos, pois música, cerveja e folguedos é o que êle mais preza. Devo declarar desde logo que Inácio, por si apenas, jamais beberia uísque ou champanha: o que êle ama acima de tudo é a cerveja, servida nessas mesas que se colocam à sombra das árvores nos domingos quentes, quando as domésticas livres enchem êsses centros de diversões, e quando a paisagem cala bem com sua roupa um tanto alvoroçada e fora do tempo. Inácio tem uma particular preferência pela Quinta da Boa Vista, onde costuma ir aos domingos, especialmente depois que funciona lá o Jardim Zoológico. Não desdenha nem sequer dirigir a palavra às crianças, sor-

rindo para as amas, que o acham “tão simpático!”

Inácio é um espírito eminentemente suburbano. Durante muito tempo, se bem que já o conhecesse e já o tivesse visto em bondes e ônibus, lutei para conseguir localizá-lo. Vila Isabel, Madureira, o Méier, foram durante meses os cenários eleitos para a narrativa que eu planejava. Parecia-me fácil perceber Inácio no “bulevar” 28 de Setembro, entre jovens discutindo partidas de sinuca e mocinhas gritantemente na moda. Mas não sei porquê, indo certa noite à Lapa, compreendi que ali era o reduto ideal dos Inácios. Frequentadores do desaparecido “Mère Louise”, êsses impenitentes solteirões que tantas noitadas fizeram no “Assírio”, jogadores profissionais, jogadores de bicho, prostitutas, gente sem ocupação definida, todo aquê mundo misterioso e fácil me pareceu instantaneamente o cenário ideal para localizar o meu personagem. Devo esclarecer aqui que não estou traçando o roteiro da “idéia” Inácio, mas simplesmente o itinerário de um homem conhecido. Pois mesmo aquêles que nunca leram a minha pobre novela deverão ter dêsse personagem uma vaga suspeita, tão difundido é entre nós êsse tipo de janota antiquado e leviano. Talvez nem mesmo saibam que se trata de Inácio, mas já o conhecem através dos cuidados com que cede o lugar no ônibus às senhoras de pé, dos sorrisos que distribui em tórno para ganhar a simpatia dos companheiros de viagem, do seu contínuo esforço para agradar. Inácio nunca repudia coisa alguma, nunca dirige uma palavra grosseira a ninguém. Em quase tôdas as pensões em que morou — durante a sua existência inteira, morou êle de preferência em pensões — as gordas proprietárias se desmancham em elogios à sua amabilidade. Inácio é um homem rigoroso nos pagamentos.

Ei-lo, pois, na Lapa, transitando alegremente com o seu casaco de xadrez. É, lá, o que se chama um tipo popular. Não perde uma só

noite, quer no “Túnel”, quer no “49”, onde bebe cerveja “bem gelada” e conversa com suas velhas companheiras. De lá é que ainda o arrancarei um dia, numa reaparição que será para mim como o derradeiro canto da sua existência privilegiada. Pois se o conheço desde a infância, se tantas vêzes o vi através dos meus pesadelos, sem que conseguisse compreender ainda a sua estranha legenda, agora posso apontá-lo com segurança. Já a Lapa começa a expulsá-lo, já êle é velho de mais para as aventuras dêsses despojos humanos. Sei que passa a frequentar subúrbios mais recuados, que espia os namorados que se aconchegam nos portões, que assovia quando passa um dêsses “tipos bronzados” que ainda lhe dão tantos estremecimentos na epiderme sensível. Mas se quereis surpreendê-lo definitivamente, vinde comigo até essa pequena casa assobradada onde mora a cartomante Lina de Val-Flor, antiga decaída, atualmente amiga e confidente do nosso Inácio. Ei-lo que sobe as escadas, consultando o relógio-pulseira: já estará ligeiramente atrasado. E hoje pretende convidar Dorabela, filha de Lina, para ir ao cinema com êle, essa mesma Dorabela que comprará mais tarde à mãe, pela quantia modesta de dez contos de réis...

Mas não nos precipitemos na história que ainda está se formando. À novela já escrita quero acrescentar alguns informes, que, desconfio muito, não interessarão a ninguém.

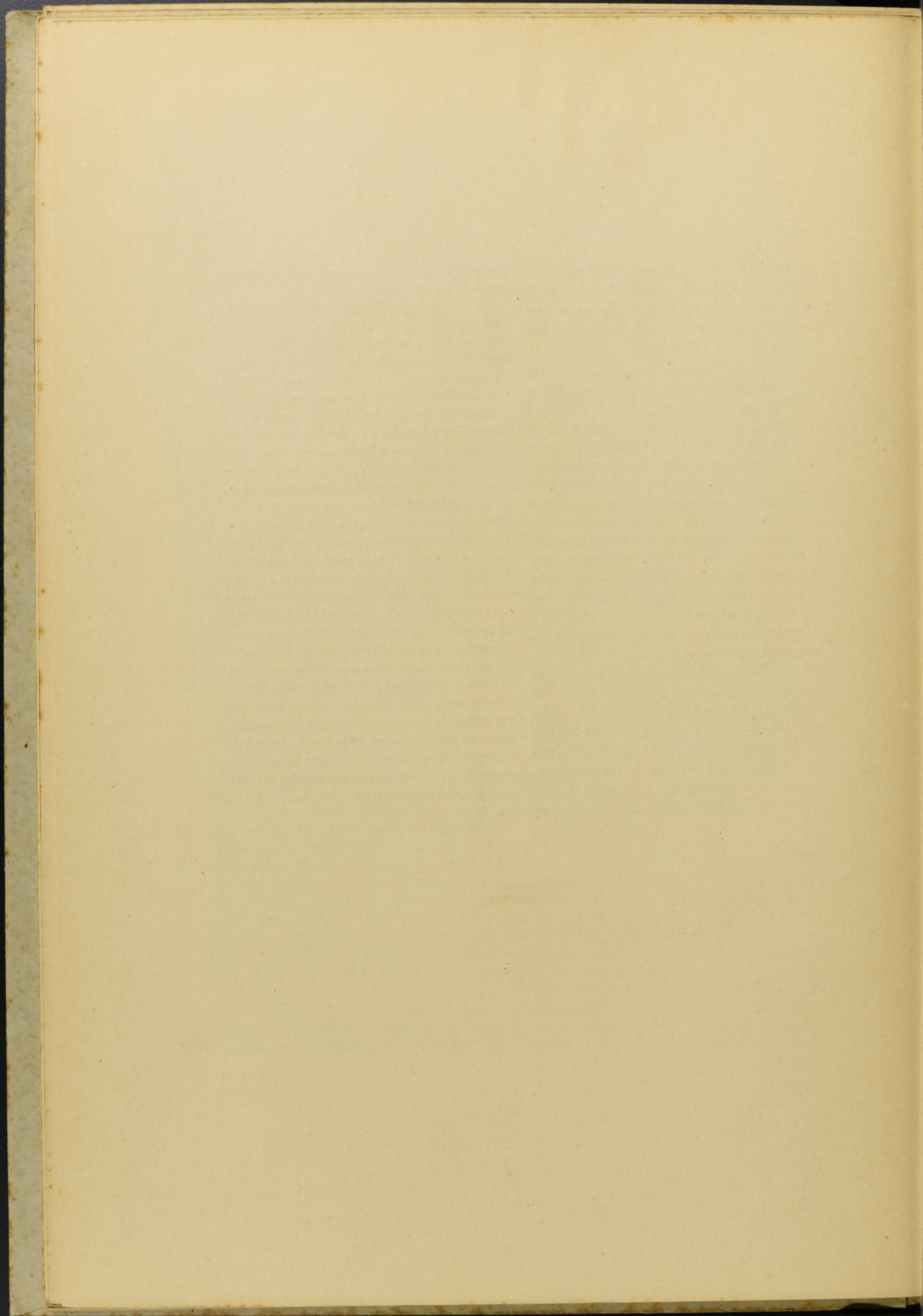
Inácio foi escrita em quatro dias, quatro dias de vento num pequeno apartamento onde eu então residia. Lembra-me que tudo veio naturalmente, tão amadurecido estava o retrato daquela criatura na minha consciência. Não me foi possível, assim que o adivinhei, evitar o atropêlo dos detalhes: Inácio começou a ser revelado brutalmente, em feiras, circos, iluminações, cinemas de subúrbio, passeatas e até em clubes carnavalescos. As roupas de Inácio, o lenço que usava no bôlso, o casaco de xadrez, a gravata vermelha, tudo passou a ser para mim uma obsessão, tanto eu percebia o espírito

de Inácio esparso em tórno de mim, tanto me sentia perturbado pelo jacto contínuo e faiscante do seu nascimento, tanto Inácio estava presente e jamais abandonaria o seu trono de homem inteligente e “conhecedor” das coisas...

Sinto que não o terminei ainda, ou melhor, que ainda não o realizei. Inácio transcende ao invólucro de cento e poucas páginas, Inácio é um mundo primitivo e sem descobridor. Ainda não sei se terei fôrças para realizá-lo, tão forte e definitivo me parece êste mundo, mas sei que procurarei encontrá-lo ainda em caminhos mais longínquos, nesses caminhos que só ousamos percorrer com os olhos baixos, tão tristes e envergonhados surgem aos nossos pensamentos: a alma dos que nos são mais próximos, amigos, parentes e conhecidos. Pois Inácio invade tudo, é uma correnteza, um estado de espírito, uma manifestação espontânea e decisiva. O difícil é aprender a reconhecer os seus disfarces, a arrancar as máscaras de que se apodera para nos enganar e enganar às suas vítimas, essas pobres e descuidadas criaturas que acreditam na sua elegância e na sua antiga aristocracia. “No meu tempo...” — começa êle sempre que tem de deslumbrar alguma nova e ingênua criatura. Mas Inácio, nestes dias que vão passando, surge com tanta ousadia, que é quase fácil para todo o mundo identificá-lo, tão próximo, tão

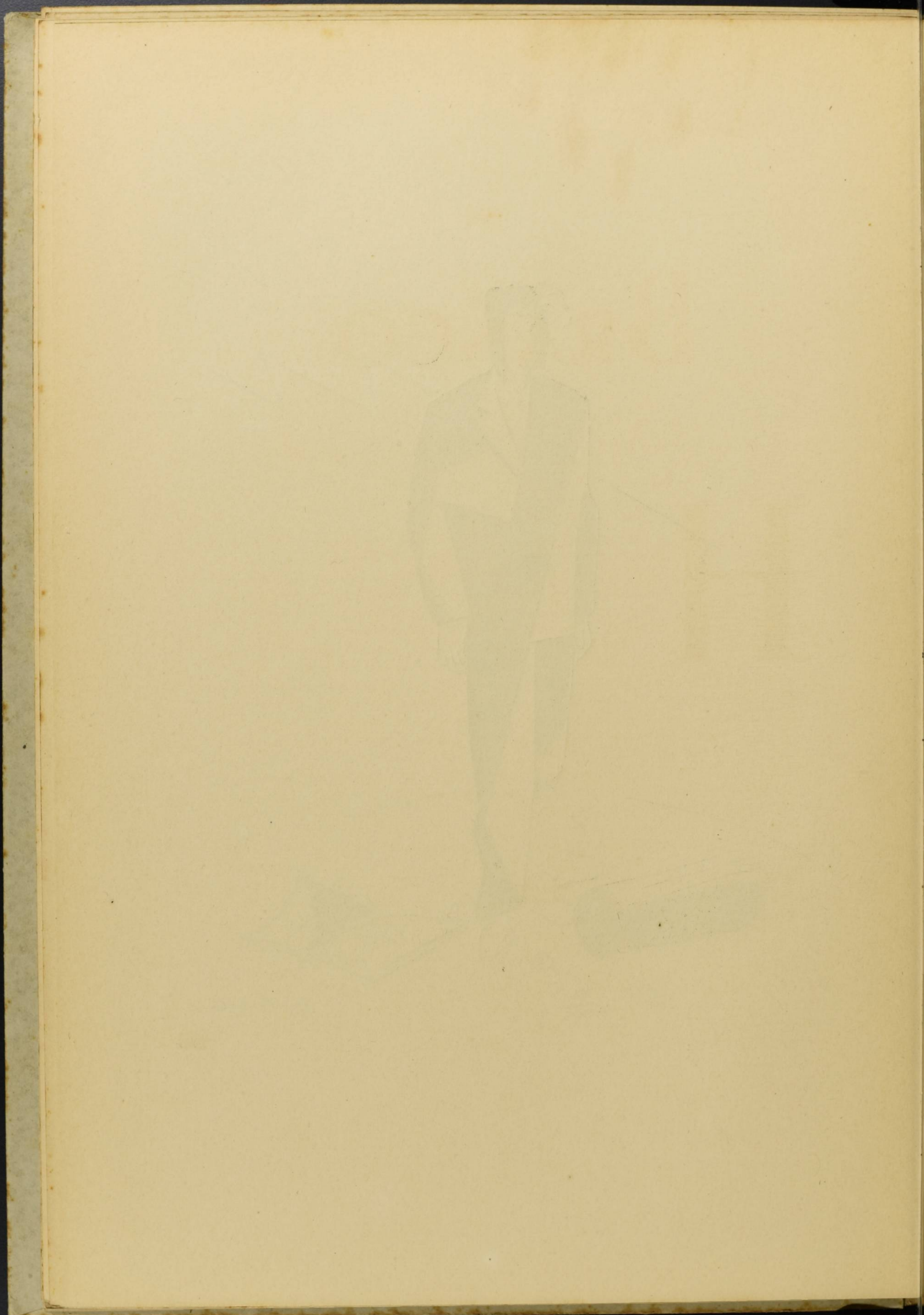
absurdo, tão exaustivo é o seu esforço para se misturar à vida humana...

Pois agora tenho um segredo a revelar: na verdade, Inácio não existe. Inácio somos nós mesmos, ou melhor, uma projeção de certas tendências nossas, do mau gosto e do ligeiramente suburbano que carregamos contra a vontade. Inácio somos nós mesmos, em vários e determinados sentidos. Se o fiz assim, se o fiz tão degradado no meu livro, é que desejava espantar os leitores e fazê-los corar do espírito Inácio que trazem em si. Talvez não o tenha conseguido, pois êsse espírito é renitente e cheio de uma vaidade que clama aos olhos de Deus. Não será um segredo dizer que a vaidade é a pedra de toque de Inácio; todos o sabem, todos os que o adivinham na sua própria alma. Mas decerto, ao tentar reconstruí-lo, não mais como um simples sentimento, mas como um ser idêntico a nós, sinto que já é muito, que já avancei bastante, ao descobri-lo e ao tentar devassá-lo para os olhares alheios: é como se enfim viesse tocar na causa de tantas dores, expondo o que afinal é fácil de extirpar, desde que tenhamos boa vontade e desde que, com um pouco de humildade, façamos o reconhecimento de que não somos êsses deuses, essas criaturas absolutas e formidáveis que imaginamos no fundo do ser. Diante de um espelho incapaz de mentir, Inácio deserta como uma sombra que foge.





Santa Rosa /



BRANCO

Octavio de Faria

HOUVE tempo em que não me seria difícil falar de Branco. Nessa época eu ainda não escrevia, mas éramos de tal modo semelhantes que tudo o que eu sentia ou fazia ele podia sentir ou fazer. Adolescentes ambos, tínhamos no espírito os mesmos sonhos e ideais. Sòmente o espelho nos separava, então, ainda que de um modo irremediável: quando eu me olhava, não o reconhecia, e já era com um ar de rapaz forte e quase bonito que ele contemplava a minha pobreza física.

Depois, a vida correu. Os anos foram vindo, muitos para mim, enquanto ele ficava se arrastando pelos primeiros degraus da segunda década. E com t0da a diferenciação que se foi processando entre nós, surgiu, cada dia maior para mim, a dificuldade de falar s0bre Branco. O próprio romance em que a sua figura é dada em plena eclosão — e não apenas em função de uma busca de caminhos da vida — eu o vim adiando durante anos e anos, num misto de receio e escrúpulos, pudor e respeito que considero o que de mais decente e elevado acaso possa ocorrer a um ficcionista, e, principalmente, a um romancista.

Assim, como poderei falar de Branco, hoje, quando a vida nos separou tanto, cavando entre nossos destinos abismos tão profundos? Bem sei que não consegui tocar, de leve que seja, na solidariedade que me prende à sua figura de renegado, mas, de qualquer modo, como falar n0le? E como falar de outro personagem se é ele que vive em mim mais que qualquer outro, e se é ele que está no início de tudo como tem de estar no término, quando enfim f0r encontrada a imagem da face de Carlos Eduardo, que é a razão de ser da nossa caminhada pela vida?

Nenhum outro possui como Branco essa dupla personalidade — ficção e realidade ao mesmo tempo, carne da minha carne e imagem de um *eu* foi meu e que jamais poderei renegar. De fato, se um Ivo, um padre Luís, uma Vanda, uma Elsa, têm coisas minhas ou de outros, é sempre na base da criação pura, da fusão de elementos múltiplos dos quais resulta o tipo único, particular, criado — pura ficção, muito embora gerada segundo as leis da gênese espiritual. Nenhuma *semelhança* comigo mesmo ou com ser humano que eu conheça, a não serem essas que o acaso muitas v0zes brinca de reunir a exemplo da vida real, que não se vexa de fazer parecidos, quase iguais, seres que não têm entre si o menor parentesco.

Branco, porém, foi produzido segundo outra lei. Mais do que filho pelo milagre do espírito, sinto-o irmão pela solidariedade do sangue. Lembro-me que, ainda meninos, já éramos solidários. Cega, ferozmente. E não me lembro de fatos mais recuados na minha infância do que os que ensombraram a infância dele. Em certos dias mesmo, quando o amargor é maior e maior a desconfiança sobre o futuro, ponho-me a devanear: qual de nós é mais velho, qual foi o que realmente precedeu ao outro? Então, tudo é sombra à minha volta e surpreendo-me cismando que não sou senão uma imagem deformada e empobrecida, quase uma caricatura daquele que era, na verdade, o que merecia ter existido em carne e osso.

Esse caráter heróico de Branco frequentemente me empolga. Sinto-me então humilhado e perdido na minha vida de todo dia, no meu esforço humilde e covarde por disfarçar os ângulos "branquianos" que me separam dos companheiros de existência. Só a figura do outro me comove e me exalta na sua louca aventura de renegado que, recusando-se a qualquer aceitação do mundo burguês, parte pelos caminhos abrasados do deserto e das alturas espaciais em busca da pureza que não está nele nem nos seres que o cercam. Se a tentativa é insana e o caminho semeado de espinhos, se o vôo é por natureza condenado ao desengano final e se a reprovação dos homens de bem e das instituições seculares acompanha o destemido, aumenta ainda o meu entusiasmo e mais viva se torna a minha solidariedade de irmão de aventura provavelmente naufragado nos baixos da mediocridade e da inútil espera.

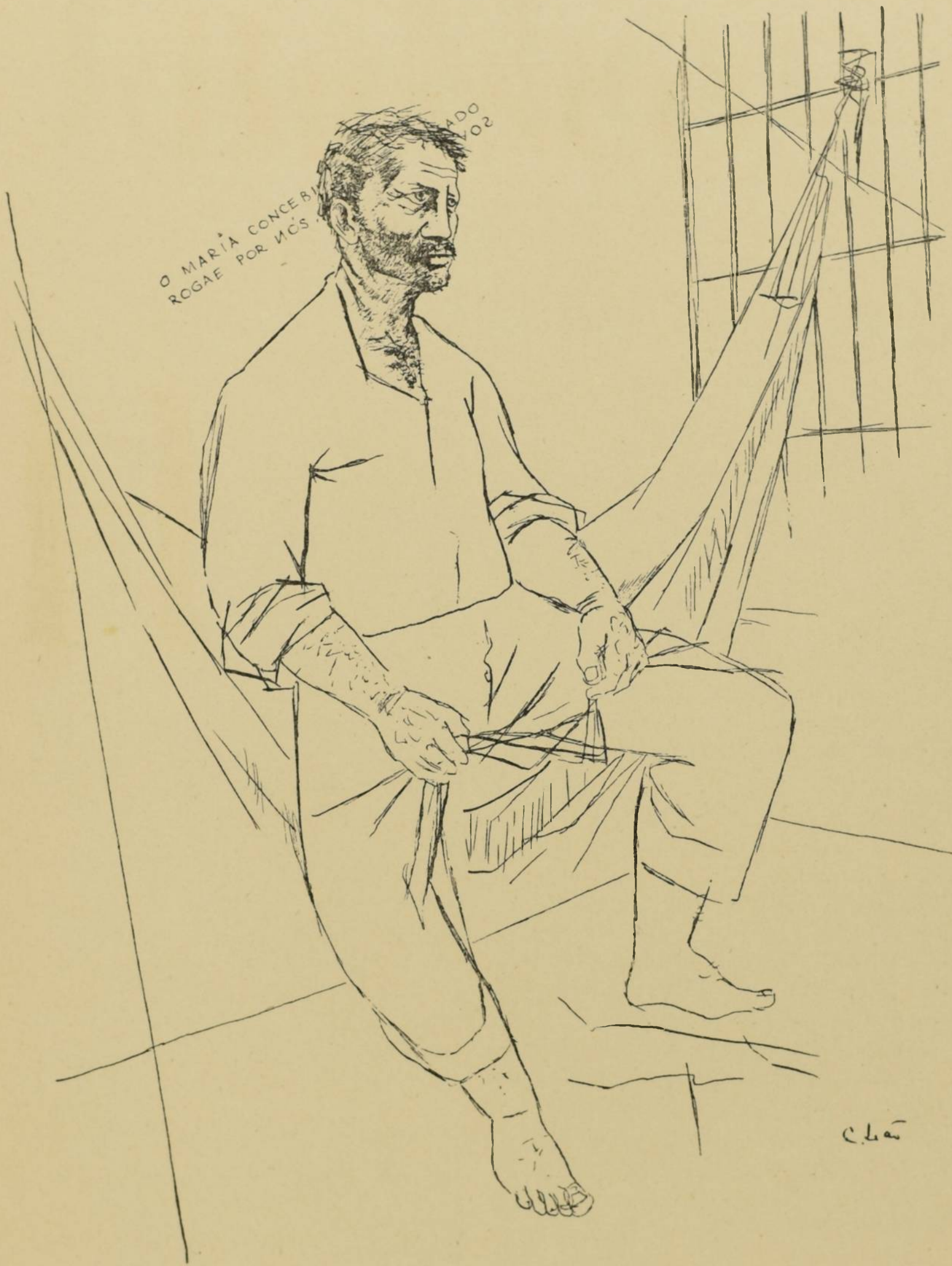
Seguindo seus passos, ouvindo algumas de suas frases, surpreendendo-o em certas hesitações, amigos que seguiram meus passos, ouviram palavras minhas e surpreenderam hesitações que não pude velar, dirão que Branco sou eu mesmo. E não responderei que não, talvez por orgulho, talvez pela esperança, que nunca morre em mim, de que algum dia ainda

baixe sobre nós ambos a paz de espírito que desfará todas as divergências e diferenças, trazendo-nos à unidade inicial de que — ai de mim! — jamais tive plena consciência.

Da sombra cristã que nos envolveu um dia, só ele saiu vencedor. Foi esse, aliás, — e por que não o confessar? — o grande vento divisor que passou sobre os nossos caminhos de adolescentes sensíveis e despertados para as provocações do mundo. Era quando ainda sonhávamos juntos com a promessa do filósofo, de que "no meio do caminho" nasceria o super-homem, e tínhamos por ideal comum não atirar fora o herói "que existia em nós mesmos". Os dias ainda corriam tranqüilos e é bem possível que nenhum de nós dois previsse as procelas que se acumulavam no horizonte mais próximo.

Depois, veio para mim a grande experiência. O sangue cristão falou mais alto que todos os raciocínios do espírito e a marca indelével da Cruz me deixou estarecido em pleno começo do caminho. Enquanto isso, como um louco, quebrando todas as amarras, varrendo todos os obstáculos, Branco partia para a rejeição de todas as aceitações, renegando tudo o que no mundo significava acomodação com a carne e as misérias do corpo.

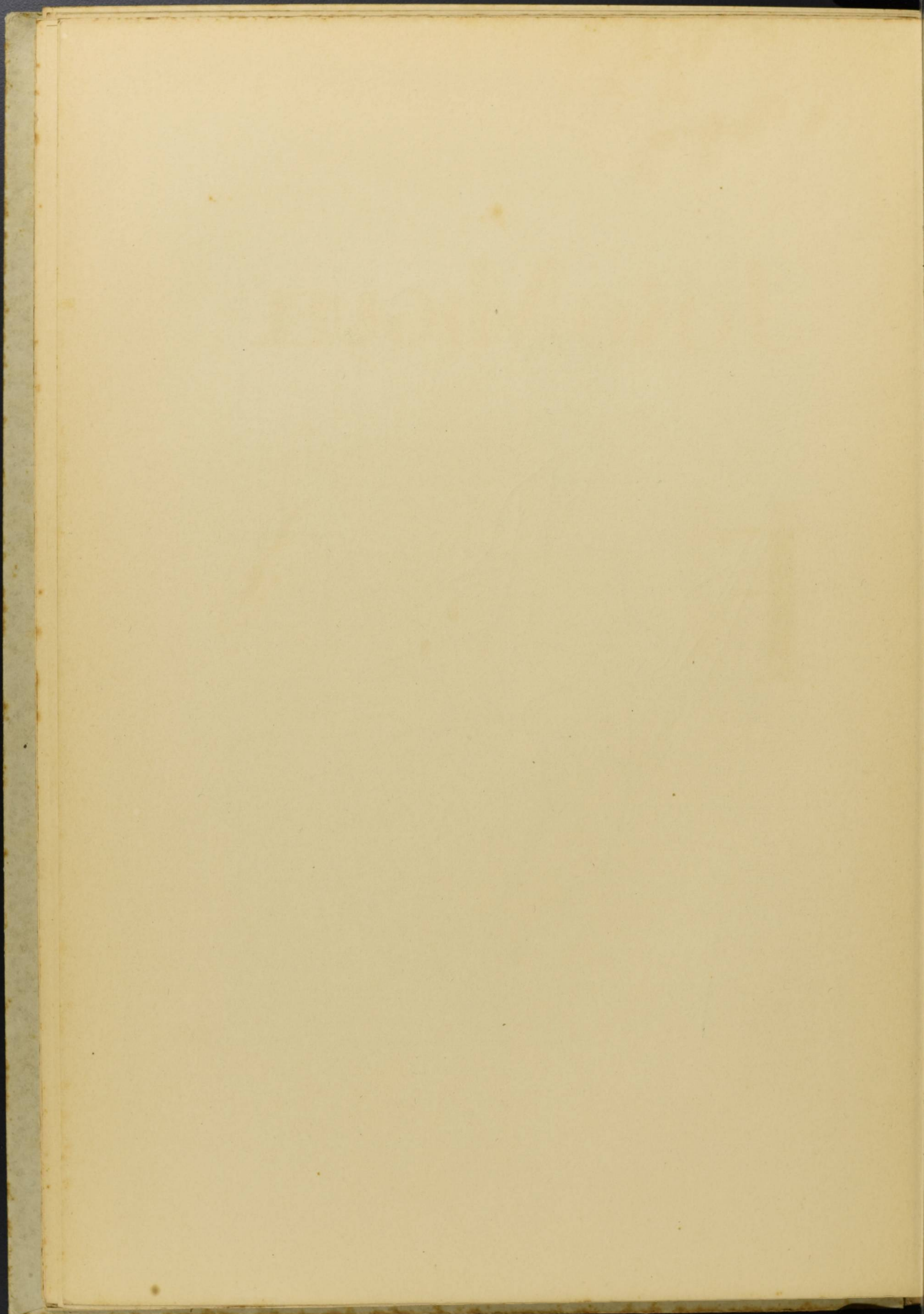
Hoje que Branco tomou tanta distância de mim e eu provavelmente só permaneço fiel às suas posições básicas por uma questão de solidariedade de sangue, hoje penso em tudo isso com melancolia e saudade. Um pouquinho mais de pudor faria calar — mas seria trair. Um pouquinho mais de coragem faria gritar — ainda seria trair. Só o caminho de escrever, de contar, permanece aberto à lealdade de quem foi igual e agora é apenas irmão e não quer esconder que o momento de euforia se transformou num mundo de sofrimento, num pequeno inferno de dúvidas e angústias que só fizeram evidenciar que o coração devastado do homem é o terreno onde germinam espontaneamente todas as ervas más que margeiam a estrada de Damasco.



O MARIA CONCEBIDA
ROGAE POR NOS.

207
02

C. L. A.



JOÃO MIGUEL

Radul de Juviz

FIGURA central de um livro falho, cheio de defeitos, João Miguel talvez fôsse grande em mãos mais capazes. Pois além de um destino dramático, tem a fôrça de aceitar êsse destino e reviver após a libertação. Será João Miguel, dos meus personagens, aquêlê a quem mais amei, aquêlê com quem gastei mais ternura, e para o qual sinto no coração maior impulso de solidariedade. De certo modo representa êle o conceito que faço do homem, ente sòzinho e desabrigado, cheio de impulsos contraditórios, prêso, eternamente prêso, acumulando irremediavelmente na vida os seus rancores não satisfeitos, as suas mentiras, as vergonhas, os remorsos, as rebeldias, as paixões recalçadas — paixões de amor e paixões de ódio — e vendo que o dia da realização, o dia de triunfo ou de vingança, sempre chega tarde.

Bêbedo, João Miguel mata um homem, um desconhecido. Vêm a prisão e o castigo a que êle se submete porque não pode lutar, mas que sofre sem contrição, porque alimenta a íntima e profunda convicção da sua irresponsabili-

dade. Na cadeia sofre de tudo, desde o constrangimento físico e a secreta repulsa pelos colegas e carcereiros, até a traição amorosa de Santa, e a presença afrontosa do rival feliz. Um longínquo amor platônico que êle mesmo nem sabe se é amor enche-lhe um pouco os últimos meses de prêso. Sólto, afinal, absolvido, atira-se ao mundo, pisando nos destroços de tudo que foi seu passado, querendo viver, desforrar-se... e provàvelmente indo apenas recomeçar.

*

Sempre me doeu ter usado tão mal da figura de João Miguel. O livro, em si, se o lesse, tenho a certeza de que me envergonharia. Está cheio de puerilidades inúteis, de falsos efeitos de pitoresco, de muito ouropel escusado e barato. A técnica da composição é tão débil, tão primária, que praticamente não existe.

Entretanto, se o não retomo, se o não refaço, de início é devido a um certo pudor diante do próprio João Miguel — pudor de o incomodar, de novamente o despir — e agora a sangue frio, sem o juvenil entusiasmo da primeira vez.

Em segundo lugar, não confio muito nas minhas fôrças e tudo me leva a crer que num segundo arranjo acabaria dando ao desditoso herói moldura igualmente albardeira, que nem ao menos contaria com a frescura e inocência da primeira mão-de-obra. O que é talvez perdoável na romancista de vinte anos seria injustificável na mulher amadurecida de trinta e quatro.

Por tôdas essas razões é João Miguel uma criatura com quem me sinto perpétuamente em falta. Sendo êle de natureza destinado às frustrações e às injustiças, não se pôde defender sequer das conseqüências das minhas limitações.

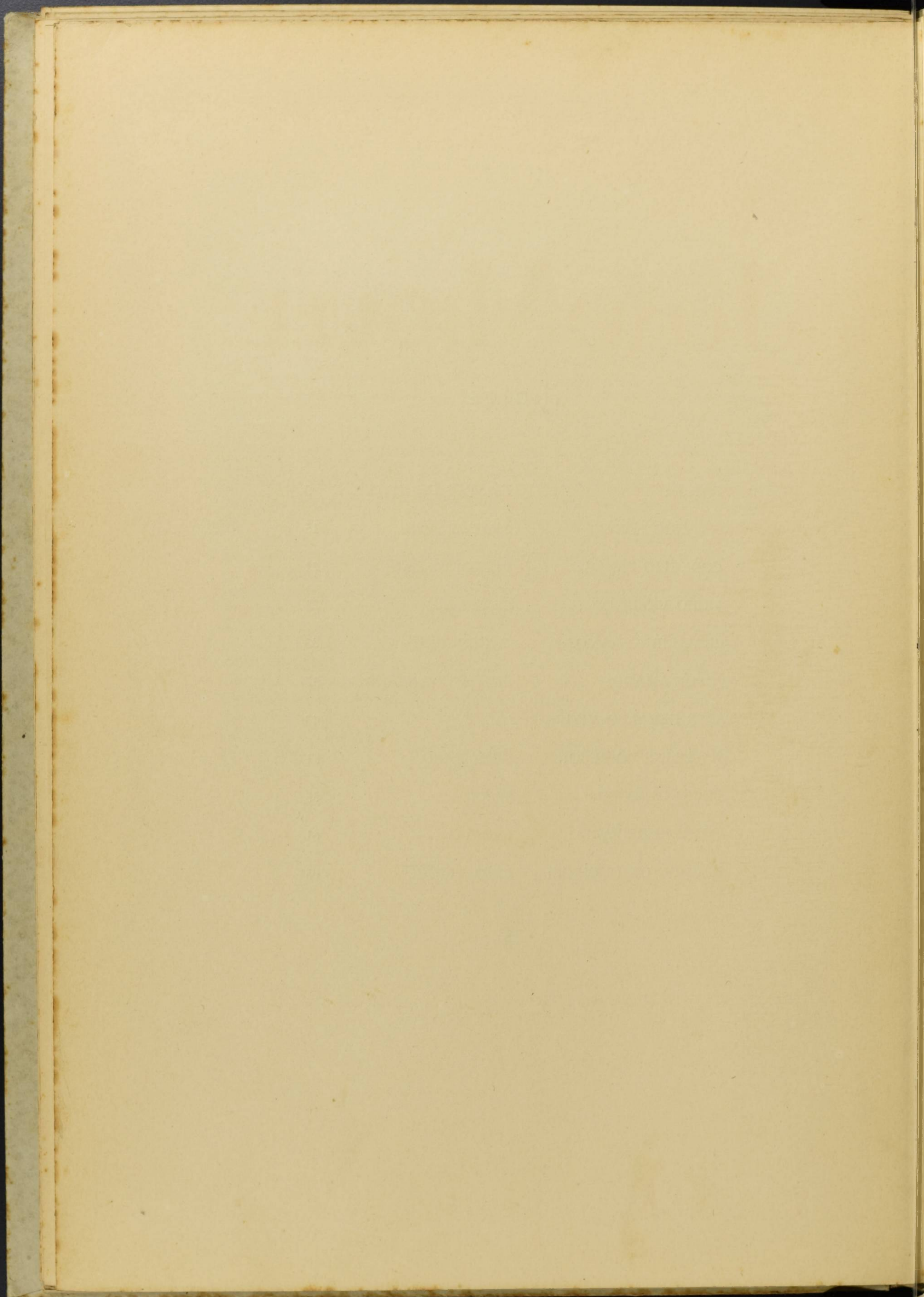
Direis que o meu herói é o anti-herói. Talvez o seja. Mas por isso mesmo o amo. Porque temos tanta coisa em comum, mormente uma característica essencial: o mêdo e a humildade diante das fôrças da vida. Falo assim sem rodeios da identidade que há entre nós ambos porque tal identidade não é fruto de vontade minha. João Miguel praticamente nasceu sem interferência do romancista, brotando do livro, à medida que o livro crescia. Praticamente sou tão responsável pelo seu feitio e suas reações quanto é responsável uma mãe pelo fato do filho ter ou não ter olhos azuis. Não é êle resul-

tado de nenhum plano literário, jamais lhe antecipei os antecedentes e a figura. Tudo com João Miguel ia acontecendo numa seqüência espontânea; copiei-o pelo traçado de algum secreto modelo íntimo, empregando nesse esforço a mesma consciência — e a mesma inabilidade — com que reproduzia as cabeças de gesso nas aulas de desenho, nos tempos de normalista. Se o triste João é só no mundo, sem pai nem mãe, nem ninguém — não me culpe da sua orfandade e da sua solidão. Êle é que é assim de nascença, só no mundo. É fraco, e desamparado, e usando iludir-se a si próprio com um fantasma de orgulho ou um fantasma de coragem. No fundo perdoa e se rebaixa e reincide — ante a bebida, ante a má sorte, ante a infiel. Juro que nada dessa triste sorte premeditei. Êle se desprende de mim — como o poderei explicar? Talvez dê uma idéia dizendo que foi como se desprende o ectoplasma do médium. Sim, é uma boa comparação essa do ectoplasma. Porque a substância que dá corpo aos fantasmas é um bom símbolo da nossa estranha união: sendo êle figura independente, com sua vida, seus cuidados, seu cenário, seus dramas tão diversos dos meus, nunca deixou de ser parte de mim própria, — do que não fui e poderia ter sido, ou do que fui mas já deixei de ser.



ÍNDICE

Prefácio:	<i>TRISTÃO DE ATHAYDE</i>	9
AMANDO FONTES:	<i>SANTOS LIMA</i>	15
CORNELIO PENNA:	<i>DIDINA GUERRA</i>	21
ÉRICO VERISSIMO:	<i>Dr. SEIXAS</i>	27
GRACILIANO RAMOS:	<i>PAULO HONÓRIO</i>	33
JORGE AMADO:	<i>ANTÔNIO BALDUINO</i>	37
JOSÉ GERALDO VIEIRA:	<i>J. L. C.</i>	43
JOSÉ LINS DO REGO:	<i>PAPA RABO</i>	51
LUCIO CARDOSO:	<i>INÁCIO</i>	55
OCTAVIO DE FARIA:	<i>BRANCO</i>	61
RACHEL DE QUEIROZ:	<i>JOÃO MIGUEL</i>	65



O TRABALHO DE CLICHERIA FOI EXECUTADO POR LATT & CIA. LTDA. E VALERIANO. A IMPRESSÃO, FEITA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO TERMINOU EM DEZEMBRO DE 1946, E ESTÊVE, BEM COMO A COMPOSIÇÃO, A CARGO DAS OFICINAS IRMÃOS PONGETTI. DA REVISÃO SE ENCARREGOU O SR. AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA.



